

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

PSICOMETRIA

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO DÉCIMA PRIMEIRA)

Contato: Fones 19 (R) 33011702 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Setembro de 2011

ÍNDICE

O Psiquismo Experimental	03
Memórias da Loucura	08
Ciência e Espiritismo	11
Da Alma Humana	11
Extraordinários Fenômenos Espíritas	12
Mãos de Luz	14
Visões Espíritas na Terra e no Ar	15
A Mediunidade e a Lei	19
Estudos sobre Mediunidade	21
Hipnotismo e Espiritismo	22
Hipnotismo e Mediunidade	24
Bíblia	26
Desenvolvimento Mediúnico	27
Mediunidade	27
Metapsíquica Humana	29
Os Animais Têm Alma?	35
Xenoglossia	38
Mecanismos da Mediunidade	39
Lázaro Redivivo	42
Nos Domínios da Mediunidade	44
A Reencarnação	49
Resumo da Doutrina Espírita	57
Alquimia da Mente	57
O Que é Fenômeno Mediúnico	59
Sobrevivência e Comunicabilidade	60
Dinâmica PSI	64
Mirabelli Um Médiun Extraordinário	64
Estudando a Mediunidade	64
Magnetismo Espiritual	68
Afinal, Quem Somos?	71
Cromoterapia	72
Mediunidade (2 de 7)	73
Copos Que Andam	76
Devassando o Invisível	80
Ressurreição e Vida	83
Enigmas da Psicometria	83

O Psiquismo Experimental

Alfred Erny

Falemos agora da psicometria, curiosa faculdade psíquica descoberta pelo Dr. Buchenan, que fundou uma escola de medicina em Cincinnati (Estados Unidos.)

Conversando um dia com um cliente, o bispo Simpson, o doutor soube que o bispo, toda a vez que tocava num metal, mesmo à noite, quando ignorava que o fazia, sentia a influência desse corpo e descobria a natureza dele. Em seguida a essa observação, o doutor começou uma série de experiências.

Colocou metais diversos nas mãos de pessoas de grande sensibilidade, e constatou que muitas possuíam o poder de adivinhar pelo tato tal ou tal substância, envolvida em papel e imperceptível à vista.

Continuando nessa ordem de ideias, o Dr. Buchenan imaginou que os sensitivos poderiam ser afetados do mesmo modo pelo contato de seres vivos. Pessoas de temperamento muito impressionável poderiam, colocando a mão sobre a cabeça ou sobre o corpo, experimentar uma sensação correspondente à vida íntima. Muitas vezes, mesmo o contato era dispensável.

Poderosos sensitivos, achando-se diante de pessoas doentes, reconheciam a moléstia e podiam indicar-lhe a sede.

Eis um gênero de psicometria que prestaria grande auxílio aos nossos médicos, quando seus diagnósticos não correspondessem à sua esperança (12).

Dois anos depois de haver feito as suas primeiras descobertas, o Dr. Buchenan encontrou indivíduos tão sensitivos que podiam reconhecer a influência comunicada a uma carta por aquele que a tinha escrito, quando se colocava essa carta sobre a frente do psicômetro. Às vezes mesmo, este último podia indicar o caráter e os hábitos daquele que havia escrito a carta.

Entre aqueles que mais se têm ocupado de psicometria, deve-se citar em primeiro lugar o eminente geólogo William Denton.

Encontrou em sua mulher, em sua irmã e num dos seus filhos, os mais poderosos exemplos de poder psicométrico, e durante mais de vinte anos fez experiências nas melhores condições.

Continuando suas pesquisas em numerosas viagens, e achando-se em contato com muitas pessoas que possuíam mais ou menos o dom psicométrico, William Denton publicou os resultados de suas experiências em três volumes intitulados: A alma das coisas. Vou dar alguns extratos desse

curiosíssimo livro.

A irmã de Denton, Sra. Uridge, foi a primeira pessoa sobre a qual tentou experiências.

Sendo muito impressionável, essa senhora dentro em pouco se achou em estado de ver e descrever as pessoas que haviam escrito as cartas que se lhe colocavam fechadas sobre a fronte, dizendo mesmo muitas vezes a cor dos cabelos e dos olhos.

Denton concluiu daí que, se a imagem daquele que escreve uma carta pode gravar-se nela (psiquicamente) durante o pouco tempo em que o papel se lhe acha sob a influência, era justo supor que os rochedos guardavam a impressão de tudo quanto os havia rodeado. Foi assim levado a pensar que o geólogo poderia obter indicações sobre o passado, e fez experiências com fósseis, minerais, espécimes arqueológicos. Denton descobriu que o psicômetra, sem saber em que consistia o espécime que se colocava, embrulhado, na mão ou sobre a fronte, via o objeto e tudo o que havia acontecido na sua vizinhança.

Esta visão passava às vezes com a rapidez do raio, e outras vezes tão lentamente e tão distintamente que era possível descrevê-la como uma vista panorâmica.

A psicometria prestará ao geólogo um auxílio imenso. Há períodos inteiros do passado que ignoramos. A fauna e a flora da Terra durante o período cretáceo nos são quase desconhecidas. Que sabemos do começo da vida? E' provável que não só nos fósseis devamos procurá-la, mas também em impressões que o psicômetra pode descobrir.

Formas pequenas ou demasiado inconsistentes para deixarem impressão sobre os rochedos poderão ser percebidas, e períodos que nos parecem estéreis, vazios, mostrar-nos-ão miríades de seres que viveram sem deixar traços visíveis. Tipos de animais, de pássaros e de peixes, de que não temos a menor ideia, serão por assim dizer reconstituídos, e poderemos julgar do conjunto da criação orgânica desde a mônada até o homem.

Muitas vezes, viajando de carruagem, a Sra. Denton dizia a seu marido... há chumbo ou cobre nos arredores, e o Sr. Denton verificou a exatidão da informação.

O psicômetra — diz ele — pode seguir o curso dos veios dum metal no interior da terra, como nós seguimos o curso dum rio à superfície desta.

Mas — acrescenta Denton — como poderemos saber se as narrativas dos psicômetras são exatas? Comparando as revelações de um às de outro, como fazemos em astronomia.

Mesmo para o historiador, a psicometria será útil, pois a História — diz Voltaire — é uma enorme mentira.

A biografia de todas as nações se acha escrita algures e o psicômetra poderá lê-la. Os ocultistas dizem que todos os acontecimentos passados e presentes estão impressos na luz astral e que os videntes podem lê-los como num livro.

O psicômetra é, em suma, uma espécie de vidente, ou antes um indivíduo que tem, acordado, as faculdades e as percepções que o sonâmbulo só possui quando adormecido.

Em lugar de milhares de anos, o psicômetra pode fazer-nos remontar a milhões de anos. Saberemos o que se passava nas épocas primárias, secundárias, etc.; a espada dum César ou dum conquistador muito poderá dizer-nos sobre o seu caráter. A psicometria, em diversos casos, poderá servir para a descoberta dos criminosos. Os restos dum indivíduo assassinado podem contar a sua história, pois se acham impregnados da influência dele.

"O peixe — diz Denton — nada sabe do oceano aéreo em que anda o pássaro, e nós — apesar de todos os nossos famosos conhecimentos — quase nada sabemos do oceano do éter que nos cerca. Acredito que a psicometria não passa dum exercício das faculdades da alma e que é independente do corpo. O psicômetra vê, sem auxílio dos olhos materiais, quer o passado, quer o presente, tanto o que se acha próximo como o que está afastado; ouve sons que os ouvidos físicos não percebem, e viaja sem ser pelos meios ordinários de locomoção. Entretanto, as numerosas dificuldades que encontramos em nossas experiências provaram-me que nós temos aproximado dum terreno desconhecido, mas que apenas o temos costeado."

Vê o psicômetra os objetos como nós os vemos? — Não inteiramente do mesmo modo — diz a Sra. Denton. "Em certos casos os objetos passam diante do observador com a rapidez do raio; só muito tempo depois eu soube que, por um esforço poderoso da vontade, era possível fixar esses quadros, os quais são reais como tudo o que vemos diariamente. Outras vezes os objetos parecem fixos, mas apenas certas partes deles são visíveis." Por momentos o psicômetra se acha transportado ao espaço, e, movendo-se mais velozmente que o vento, voa e sente-se desprendido de todo laço terrestre.

É provável que este último efeito seja produzido por um desprendimento do corpo psíquico, que habitualmente só se verifica no sono ou no estado letárgico.

Na sua mocidade, a Sra. Denton acreditava que se poderiam obter esses resultados comprimindo as pálpebras sobre os olhos, segundo lhe dizia sua mãe. Mais tarde verificou que a explicação era pueril e que esse gênero de efeitos bem se podia aproximar do que Aristóteles chamava ação interior do sentido da visão.

Por uma sucessão de coincidências e experiências, o Sr. Denton e sua esposa foram levados a pensar que existia algum laço entre essas singulares visões e as realidades da vida exterior. Às vezes percebe-se como que o fac-símile duma coisa familiar, porém o objeto pode também ser de todo diferente do que se viu ou conheceu.

Nenhum anatomista sabe o que é o órgão visual ao redor, e bem embaraçado se veria para explicá-lo.

É o sexto sentido, de que nos falam alguns ocultistas elevados, sentido que começa a desenvolver-se entre certos privilegiados das novas gerações.

Haverá mesmo um sétimo sentido, que se desenvolverá em futuras raças.

Voltemos à Sra. Denton. Entusiasmada com a descoberta do Dr. Buchanan, ela quis fazer experiências de acordo com as suas indicações. Uma tarde, no seu quarto, e na obscuridade, tomou ao acaso uma carta, entre muitas que se achavam em uma gaveta, e colocou-a sobre a frente. Imediatamente viu o rosto e o busto da pessoa que a escrevera e mesmo o aposento em que se realizara esta operação. Depois, riscando um fósforo, verificou a exatidão da experiência.

Embora praticáveis em pleno dia, estas experiências se tornam muito mais fáceis na obscuridade. O psicômetra pode desenvolver então inteiramente a sua visão interna, e as suas descrições são mais nítidas. Não são simples produtos de sua fantasia ou criação da sua imaginação.

Eis um exemplo:

Em 1872, o Sr. Denton colocou nas mãos de seu filho (de doze anos de idade) um pedaço de cimento proveniente da casa de Salústio, em Pompeia. As descrições desse menino foram tanto mais surpreendentes quanto nada conhecia de Pompeia (nem por leitura, nem por qualquer outro modo) e, entretanto, o que disse dos seus habitantes, dos seus armazéns, das suas festas, da vida diária, do teatro, etc., era perfeitamente exato, segundo se reconheceu posteriormente. As experiências foram feitas com intervalos bastante grandes, para evitar tanto quanto possível a transmissão dos pensamentos.

No caso que passo a referir nem mesmo esta explicação poderá servir, pois a experiência teve por objeto um fóssil da ilha de Cuba. Colocado sobre a frente da Sra. Denton, ela descreveu muito exatamente onde fora encontrado o fóssil, de que era (da época terciária), o que o cercava, a parte da ilha onde o tinham apanhado.

O Sr. Denton nada sabia desse fóssil, que lhe fora dado como proveniente de Calabaial, o que indicava uma cidade hispano-americana, porém não uma cidade da ilha de Cuba, de preferência a qualquer outro lugar da América.

Escrevendo a amigos seus, depois da experiência, o Sr. Denton obteve esclarecimentos que concordavam absolutamente com as descrições de sua esposa.

De outra feita, no meio de mais de duzentos espécimes de todas as espécies, embrulhados em papel, o Sr. Denton tomou um ao acaso e colocou-o sobre a frente de sua esposa, ignorando de qual se tratava. Mais tarde, abrindo o papel, o Sr. Denton leu sobre o espécime: Mosaico moderno. — Roma.

A descrição da Sra. Denton versara sobre o templo donde fora tirado esse mosaico.

Reconheceu que não se tratava de pintura, porém de cores impressas nos materiais.

É necessária a influência magnética para o fenômeno de psicometria?

De modo algum — responde o Sr. Denton. Esta influência nunca deve ser aceita pelo psicômetra, exceto em casos muito raros.

Deve o olhar do psicômetra ser dirigido para o espaço ou para algum objeto donde pareceu emanarem as visões? Não — diz ainda o Sr. Denton. O psicômetra não precisa de olhar os objetos. Em 90 casos sobre 100, vê muito mais do que pode descrever; ele não precisa de evocar visões; elas lhe chegam em multidão e como que dotadas de vida e movimento.

O valor dessas visões depende sobretudo da habilidade do psicômetra em distinguir a natureza das duas influências ou da sua origem, de modo a se tornar ativo para uma influência e passivo para outras.

A fim de provar que esses fenômenos não são pessoais ao Dr. Buchanan ou à família Denton, vou contar um caso referido pela Sra. Harbinge-Britten, esposa dum doutor inglês.

Por volta de 1882, uma reunião de despedida se realizara na casa do coronel Kate, muito conhecido em Filadélfia. Um dos visitantes pediu-lhe permissão para apresentar um amigo que ninguém conhecia.

No fim da reunião, esse cavalheiro disse que trouxera o seu amigo a fim de obter (se possível fosse um) a descrição psicométrica dum pequeno embrulho que tirou do bolso. Embora houvesse cerca de sessenta pessoas presentes, seguiu-se a esse pedido um silêncio completo, até o momento em que a senhora a quem era oferecida aquela festa íntima lançou mão do embrulho.

Ignorava-se que aquela senhora fosse psicômetra, pois, desde muitos anos, não exercitava esse dom. Movidada por um impulso repentino, declarou que se sentia transportada a milhares de anos atrás, sobre as margens do Nilo, e descreveu bandos de egípcios inclinados-se diante duma pedra alta e volumosa, cuja ponta era dirigida para o céu. Durante três quartos de hora falou de várias épocas, em que outras nações se haviam reunido aos egípcios para levantar da terra a elevada pedra, em cuja base se encontravam diversas medalhas semelhantes àquela que estava no embrulho. Disse em seguida que essa pedra fora transportada para fora do Egito e que se achava atualmente numa doca.

O cavalheiro informou então às pessoas presentes que o embrulho continha uma medalha, que mostrou, e que fora encontrada com muitas outras no Egito, debaixo da agulha de Cleópatra; que o Governo dos Estados Unidos acabava de comprá-la. Essa agulha se encontrava naquele momento em uma doca de Nova Iorque.

O que mais espantou os assistentes não foi apenas a exatidão das descrições, porém

o fato surpreendente de que a história do país, dos habitantes, do monólito, etc., estivesse também gravada nessa medalha dum modo por assim dizer oculto. Essa narrativa é garantida de um modo absoluto pela Sra. Hardinge-Britten, que a publicou.

Desde então, muitos psicômetras surgiram, tanto na Inglaterra como na América, e, como diz W. Denton:

“A psicometria pode alargar o domínio de todas as ciências, porém os sábios a receberão a princípio com desconfiança, se não com hostilidade”.

“Uma pedra das ruas ou dos muros de Jerusalém é como que uma biblioteca com a história do povo judeu. Os acontecimentos mais ignorados, dos tempos pré-históricos, podem ser por nós conhecidos, e, para vê-los, basta abriremos os nossos olhos psíquicos. Um pedaço duma coluna de Babilônia pode pôr-nos ao corrente de que era a Assíria há 4.000 anos.”

No seu curioso livro, Denton relata suas numerosas experiências, algumas das quais são realmente espantosas.

Evidentemente, a psicometria é uma nova mina aberta aos pesquisadores, porém estou convencido de que os adeptos da rotina nos hão de falar em visões, auto-sugestões, transporte de pensamentos, enfim dedilharão toda a lira científica, de preferência a confessar que existem coisas que eles ignoram.

(12) Em Londres há diversos, que prestam grandes serviços.

Memórias da Loucura

Antoinette Bourdir

– Sim, Henrique, eu compreendo que a influência existente no centro de uma grande cidade, onde todos os pensamentos convergem para um só ponto, isto é, para as grandes especulações comerciais, para a política ou interesses materiais outros, quaisquer, forma um ambiente asfixiante para uma alma sensível e tímida qual a minha, depois de haver respirado as auras do mundo espiritual.

– Mas lá, no teu quarto do hotel, não haveria como encontrares esse insulamento que a tua sensibilidade reclama?

– Tu o dizes por que não fazes ideia da mobilidade dos fluidos que inundam um hotel. Nos quartos que ora ocupamos, estiveram, antes de nós, pessoas de todas as condições, cada qual preocupada com os motivos de sua viagem e permanência nesta cidade. Quem dirá impossível ocuparmos um leito ainda na véspera ocupado por um assassino, fugitivo da pista policial, ou ainda por enfermos, desesperados, suicidas?

"Resumindo: – em um simples quarto de hotel podem congregar-se todas as misérias da Humanidade".

– Compreendo-o perfeitamente, segundo a teoria já por ti exposta, do efeito dos fluidos localizados nas regiões em que os emitimos. Dá-se, porém, que aqui, sobre as águas não experimentas a mesma influência?

— Essa influência eu a encontraria aqui, se as águas não tivessem a propriedade de absorver os fluidos que recebem.

"Daí o motivo por que a água magnetizada, na intenção de curar um enfermo, conserva todos os caracteres dessa intenção. Quão pouco propício à calma do Espírito seria o mar, se ele não guardasse em suas entranhas o fluido irrequieto dos milhares de ambiciosos, que vão aos confins da terra em busca da fortuna ou da morte? Ah! se ele, o grande mar exalasse os fluidos angustiosos, horríveis, trágicos que um, que todos os naufragos suscitam!

Mas o mar não se contenta em só guardar os fluidos dispersos à sua superfície: ele guarda também, frequentemente, Espíritos que lhe entregaram os seus corpos e seus tesouros."

– Isso agora ultrapassa o meu entendimento! Como admitir que os Espíritos possam habitar o fundo dos oceanos?

– Imortal, o Espírito pode habitar todos os ambientes. O que acabo de te dizer, sucede muitas vezes com os Espíritos que desencarnam violentamente no meio de uma tempestade. Ambiciosos, por exemplo, eles são dominados pela ideia, "in extremis", da perda de seus bens e essa preocupação absoluta nem os deixa experimentar o abalo comum da separação do corpo, antes os leva a seguirem aqueles mesmos tesouros, que bem queriam disputar ao abismo.

"Nesse triste, ilusório quão afanoso encargo, ei-los de guarda vigilante a tais tesouros, acontecendo mesmo sustentarem luta com Espíritos outros que, também lá se comprazem na rapinagem que já na Terra lhes sorria à perversa natureza, permanecendo por isso no seio das águas, que antes havia eleito para campo de suas façanhas.

Guerras vãs, combates inúteis entre essas duas categorias de espíritos. Eles não compreendem que aquelas riquezas nada mais podem produzir para satisfação de seus apetites e sofrem, assim, da própria inanidade dos seus esforços. De resto, é esse o justo prêmio decorrente das suas paixões".

"Vê, pois, Henrique, que o meu inferno é vasto e se estende a todos os elementos".

– Nesse caso, os que enterram tesouros devem, depois de desencarnados, lhes montar guarda, com o mesmo ardor.

– Certamente. Esses Espíritos são como sentinelas, por assim dizer, dos sítios que

Deise Cassaniga - Luiz Pessoa Guimarães

escondem os seus tesouros.

– Ouvi falar muitas vezes de pessoas que, valendo -se do sonambulismo, ocupavam-se a sério na pesquisa de tesouros ocultos, através de ocorrências insólitas, que despertavam ironia aos contraditores dessa ciência.

"Eis como o indivíduo sonambulizado via perfeitamente os tesouros, descrevia o local em que eles se ocultavam e pedia para lá o conduzirem, a fim de se fazerem as escavações sem maior dificuldade.

Em chegando ao sítio indicado, reconhecia-se o acerto da indicação nos mínimos detalhes, deixando patente um imediato êxito e a fim de o conseguir magnetizava-se de novo o indivíduo; mas, quando este avançava para o ponto indicado, era súbito assaltado de crises violentas, que desorientavam a todas as testemunhas de tais aventuras, tornando-as antes vítimas de diabólicos vexames.

E a vida do sonâmbulo chegava mesmo a periclitir, desanimando os investigadores, para os tentar mais tarde a novas experiências.

Como explicar esses fatos, Margarida?"

– É' fácilimo: à medida que se aproxima do tesouro, o sonâmbulo entra na radiação fluídica do Espírito que lhe monta guarda, de modo que ele, o sonâmbulo, se encontra justo como em campo de repulsão do inimigo.

"As suas crises retratam as lutas do Espírito, convulsões e angústias da própria alma. Entre o sonâmbulo e o avarento, dá-se exatamente o que se dá com os piratas e avarentos nas profundezas do oceano. E a mesma coisa acontece, onde quer que os maus Espíritos possam exercer sua influência".

– E permite Deus que assim seja?

– Sim, querido irmão, Deus não derroga jamais as leis da Natureza, que Ele criou tanto para o bem como para o mal. O que Ele faz é deixar os Espíritos agirem, tal como aos homens permite se molestem e até se matem uns aos outros. Sabe Ele, ao demais, que o futuro é indefinido para as suas criaturas e deixa o grande mestre — o tempo, operar por si.

– Mas, querida irmã, seria talvez oportuno pedir-te agora a significação daquela visão terrífica do lago ... Qual a categoria daqueles Espíritos que te assomaram naquela noite trágica?

□ Aqueles Espíritos podem ser classificados como verdadeiros demônios, tanto neles se entranhou a maldade. Certo, eles não guardam tesouros lá no fundo do lago, mas prosseguem aquelas lutas orgulhosas do espírito de dominação, que caracterizaram quanto desolaram o período de tirania denominado – medieval, e que tinham melhor pretexto na rivalidade de castas, nobreza de sangue, ascendentes de fortuna ou de brasões.

"Mercê de tais errôneas ideias, cometeram tantos crimes e com tais requintes de crueldade, que se criaram para si mesmos um inferno, alimentando-o de seus ódios e vinditas. Tu bem sabes, quanto eu, que a Saboia foi a terra eleita desses déspotas quase onipotentes. Ruínas de velhos solares que ali se viam, são quais páginas tristes dessa triste história".

– Contudo, estes Espíritos devem sofrer menos que aqueles de que falávamos, pois me parece deverem ser mais livres.

– É fato: enervados pelo próprio ódio, eles como que experimentam algo de felicidade com o mal que ainda podem praticar.

– E ficarão eternamente nesse estado, sem esperança de salvação?

– Depende deles, tão somente, a verdadeira felicidade. O que, porém, os chumba à própria perversidade, é a perspectiva da expiação que os aguarda ao transporem a boa senda, visto que se não pode mudar subitamente de posição espiritual, mesmo com propósito de arrependimento, sem haver experimentado rudes provações e reparado, a seguir, todo o mal cometido.

– Perfeitamente justo. Assim se reconhece que, soberanamente justo, concedendo-nos o livre arbítrio, Deus nos faculta todos os recursos à conquista da nossa felicidade, ou simplesmente falando – somos os artífices de nós mesmos, os filhos das nossas obras.

Ciência e Espiritismo

Antonio J. Freire

Assim como existe a “Memória da Natureza”, comprovada objetivamente na psicometria de que estão registrados e autenticados centenas de casos, assim também estão arquivados em nossos corpos espirituais todas as conquistas efetuadas nas vidas passadas, algumas já expressas em novas faculdades, pendores e tendências manifestadas em cada vida. É aí que deve ser procurada a raiz da intuição e do gênio que sobrelevam, de muito, o poder intelectual.

Da Alma Humana

Antonio J. Freire

4° O éter refletor – O seu nome deriva de nele se refletirem e fixarem as imagens de todos os pensamentos e atos do seu portador. É um precioso arquivo do subconsciente e uma modesta sucursal da Memória da Natureza onde ficam registrados todos os acontecimentos que se realizem na sua esfera de ação.

A Psicometria e a Memória da Natureza têm no éter refletor os elementos para a visão

supranormal dos clarividentes especializados nesta mediunidade, circunscrita à camada terrestre correspondente a este éter refletor. Mas a integral, completa e autêntica Memória da Natureza está inscrita em planos supraterrrestres onde estão fixados em imagens todos os acontecimentos inerentes a este planeta desde a sua Nebulosa primordial, visão só acessível a raros clarividentes. A maior parte dos clarividentes limita-se a registrar os reflexos desses mundos superiores na atmosfera do nosso planeta, reflexos mais ou menos refratados e sujeitos, por vezes, a correções.

A Psicometria merece ser estudada criteriosamente para seu melhor rendimento experimental, baseada nas propriedades do éter refletor, podendo o seu estudo prestar altíssimos serviços à Ciência, como já vem prestando.

A Visão panorâmica que se desenrola no momento da morte física, projetando, como numa película cinematográfica, todos os acontecimentos desde a morte ao nascimento do corpo orgânico, obriga, assim, o recém-falecido a um exame de consciência integral e completo para que compreenda todo o bem e todo o mal praticado durante toda a sua vida terrestre e o lugar que vai ocupar no Mundo astral, tendo também por base o arquivo registrado no éter refletor do seu corpo elétrico (subconsciente).

A metagnomia e a psicometria, que tanto estão preocupando o pensamento científico contemporâneo adentro dos Institutos Metapsíquicos dos países civilizados do Velho e Novo Mundo, têm talvez, em grande parte, a sua explicação no mecanismo do reflexo das auras e das formas pensamentos, expressas na telepatia e na ideoplastia.

Extraordinários Fenômenos Espíritas

Aureliano Alves Netto

Psicometria

Não há segredos que o tempo não revele.

J. Racine

Não só o leitor comum, mas até mesmo o estudioso mal avisado de assuntos espíritas e parapsicológicos defrontam-se com alguma dificuldade para apreender o sentido próprio do termo Psicometria.

Se a gente vai aos dicionários genéricos da língua, topa com definição mais ou menos assim: “Psicometria - s. f. Determinação do tempo em que se realiza uma operação mental”. Ou destoutra forma: “Registro e medida da atividade intelectual”.

Algo assim como a cronometragem de uma prece? A gravação e mensuração de um discurso? Vê-se logo que não deve ser nada disso.

Curiosidade espicaçada, envereda-se então por toda classe de elucidários e obras

especializadas, na esperança de satisfatório esclarecimento.

Se, porém, nos cai nas mãos um livro de Gustave Geley, trazendo como apêndice o Vocabulário Metapsíquico organizado pelo Dr. A. Lobo Vilela, o achado é de estontear. Lá está: “Psicometria -- Termo equivalente a necromancia. Feita a remissão a necromancia, verifica-se que tal vocábulo significa: “Arte adivinhatória que tem por base a invocação dos mortos”.

Ainda não deve ser isso. Caminhar para a frente!

E eis que em nosso auxílio aparece a Enciclopédia de Ciências Ocultas, do Yogi Kharishnanda, consignando: “Psicometria - Em ocultismo, é a faculdade de relacionar por clarividência um objeto material com os acontecimentos de que foi muda testemunha o objeto examinado”.

Bem. A coisa prende-se a clarividência. Começa a se esclarecer.

Será proveitoso, depois, o manuseio de O Sexto Sentido, de Charles Richet e a leitura atenta destes trechos, contidos às páginas 123/125: “Devemos riscar de nossos trabalhos o detestável termo psicometria. Acho bom o termo criptestesia pragmática, apesar de recriminarem (bem injustamente) a palavra pragmática, dizendo ter ela outro sentido. Não insisto e continuarei a empregá-la. (...) Apresenta-se a um sensitivo um objeto qualquer que pertenceu a esta ou àquela pessoa, e tudo se passa (em alguns casos raríssimos, mas de autenticidade inegável) como se desse objeto emanassem vibrações que permitem ao dito sensitivo dar alguns detalhes sobre a pessoa a quem o objeto pertenceu. (...) Talvez as coisas conservem alguma impressão material, alguma emanção dos contatos que sofreram. Isto não é absurdo. É possível que um anel usado durante muito tempo tenha recebido e conservado um traço de certos fatos relativos à pessoa que o usou”.

Explica André Luiz, em Mecanismos da Mediunidade, que a psicometria é “considerada nos círculos medianímicos por faculdade de perceber o lado oculto do ambiente e de ler impressões e lembranças, ao contato de objetos e documentos, nos domínios da sensação à distância”.

Ufa! Até que enfim...

NOTA – No curso de Parapsicologia ministrado pela American Parapsychological Research Foundation (ex-Departamento de Parapsicologia da Universidade de Duke, EUA), redigido pelo seu presidente Paul Krafchik, Ph.D., não é mais adotado o termo Psicometria, e sim Psicoscopia (captação de mensagens e informações impregnadas em objetos e lugares).

O guardanapo de Hitler

Só o real é contraditório.

Assis Chateaubriand

Um sábio – Alexis Carrel – entende que certos indivíduos são dotados de um elemento

psíquico capaz de viajar no tempo e no espaço. À maneira do “inseto que se afasta do quadro e, a voar, o contempla de cima”.

Ocupemo-nos de um fato, em abono dessa concepção.

Reproduzida do Psychic News, de Londres, o jornal O Clarim, de Matão, São Paulo, edição de fevereiro de 1964, publica curiosa notícia, que assim se resume:

Pouco após a última Guerra Mundial, um turista inglês encontrou, nas proximidades do abrigo de Hitler, em Berlim, um guardanapo, sujo, com vestígios de fogo e muito amarfanhado, já que fora pisoteado por inúmeros transeuntes.

Como todo turista que se preza, o flemático globe-trotter logo pressentiu no achado a possibilidade de um souvenir. No que se não enganara, dado que, num dos cantos do paninho quadrangular, viam-se, finamente bordadas, as iniciais de Adolf Hitler.

Levado para Londres o guardanapo, foi ele cuidadosamente dobrado de jeito que as iniciais ficassem encobertas e, sem demora, submetido a testes de psicometria ou, para usarmos a expressão da moda: a investigações parapsicológicas.

O primeiro médium que nele tocou descreveu, num instante, a estatura e os traços fisionômicos do outrora todo-poderoso Führer. “Mencionou o pequeno bigode, o rosto pálido, a mecha de cabelos rebeldes, e o descreveu como um homem que falava gritando, com maneiras exaltadas”.

Posteriormente, outro médium, ao estabelecer contato com o guardanapo, desconhecendo-lhe a proveniência e as iniciais, “fez alusão a violência, referindo-se a um homem quase enlouquecido e muito infeliz. Forneceu, em seguida, uma descrição física rigorosa de Hitler, viu-o atirando com um fuzil e terminou a experiência declarando que era melhor para o mundo que esse homem estivesse morto”.

O relato acrescenta que o teste revelou ainda a morte de três crianças. Detalhe positivado, pois que, ao que se pode apurar, os três filhos de Goebbels haviam perecido naquele mesmo abrigo.

Fenômenos dessa espécie não são ocorrências de todos os dias, como não são frequentes os eclipses, as erupções vulcânicas ou os abalos sísmicos, e nem por isso deixam de ser verdadeiros.

Já dizia o filósofo americano William James: “Se quiserdes destruir a lei de que todos os corvos são pretos, não é necessário procurar demonstrar que não há corvos; basta mostrar um corvo branco”.

Para os eternos céticos dos extraordinários poderes do Espírito, aí está um autêntico “corvo branco” ...

Mãos de Luz

Barbara Ann Brennan Os

objetos inanimados também têm aura. A maioria dos objetos pessoais, impregnados da energia do dono, irradia essa energia. As gemas e os cristais mostram auras interessantes com muitos padrões acamados e complicados, que podem ser usados na cura. A ametista, por exemplo, tem uma aura dourada, com raios de ouro que partem de suas pontas naturalmente facetadas.

Visões Espíritas na Terra e no Ar

C. De Vesme

ALUCINAÇÕES PSICOMÉTRICAS

Se é inadmissível, em certos casos, que as testemunhas tenham tomado nuvens por tambores, pode-se, perfeitamente, admitir que fossem, em outras circunstâncias, sujeitas à alucinação. Pode-se admitir isto, de fato, quando a visão só foi percebida por uma única pessoa, tanto assim que um crítico atento notará então detalhes bastante especiais; isto, sobretudo, quando as tropas fantasmas não aparecem no céu, mas sim na terra. É natural que toda a alucinação desta sorte tenda a aproximar-se da realidade e a imitá-la.

Quando, porém, falamos de alucinação, não queremos dizer que não se trate de uma alucinação verídica, isto é, de natureza supranormal e precisamente daquelas que os antigos psiquistas chamavam "psicométricas" e nas quais a alucinação é provocada por uma influência misteriosa dos lugares, por qualquer objeto tendo relação com o assunto da visão. Nestas circunstâncias, a visão pode, por exemplo, constituir reprodução de uma cena que, realmente, passou nesse lugar.

Vamos citar dois destes casos para fazer-nos compreender melhor.

Trata-se no primeiro de um fato registrado na obra intitulada *The Spectres or News from the invisible World*, aparecida em Londres, em 1836, o qual foi reproduzido por Goerres ⁽²³⁾ e pela Sra. Crowe ⁽²⁴⁾.

Está longe de ser bem identificado mas, como não parece pura invenção, pode servir, a título de exemplo. De resto, a autenticidade destes casos, dos quais só houve uma testemunha, não pôde ser bem verificada.

"Em meados do último século (XVIII), um rendeiro de Glenary (Escócia), durante um meio dia de verão, voltava com seu filho, de Glenhiray, onde os tinham levado seus negócios. Chegados a ponte de Gairan, como voltassem do lado de Inverness, veem aproximar-se deles grande número de homens

armados. As primeiras tropas já tinham atingido Lilinalieu e marchavam em boa ordem, cercadas de muitas mulheres e crianças.

O sol estava claro e brilhante, de modo que o reflexo das armas ofuscava a vista dos nossos dois viajantes. Estes param de vez em quando e contam até dezesseis pares de bandeiras. O pai, que outrora servira nos Highlanders, explica ao filho admirado, que o cumulava de perguntas, que batalhão era esse. Ele acreditava que o batalhão vinha da Irlanda, que tinha desembarcado em Kantyre e que ia seguir para a Inglaterra. Que ele podia ser, segundo seu cálculo, bem maior do que os dois exércitos da batalha de Culloden (1746). Na volta do caminho, eles se acham tão perto da vanguarda do referido batalhão que chegam a distinguir muito bem as feições e o uniforme do que marchava, a cavalo, à frente da tropa, tanto que o pai recomendou ao filho que se desviasse um pouco, a fim de não ser envolvido pela tropa. O filho sobe num monte de pedras que se encontrava a seu lado, a certa distância do caminho, e, protegido por ele, vai mais longe. Quando se viu em segurança, voltou a juntar-se ao pai, que, mergulhado em profunda meditação, não mais pensava no exército em questão. E eis que, com grande admiração, nada mais veem. Eles encontram um homem, a cavalo, o qual devia ter atravessado as fileiras da tropa mas o cavaleiro disse nada ter visto, só se lamentando do calor excessivo e do ar abafado que não o deixava respirar e oprimia de tal modo seu cavalo que era obrigado a conduzi-lo pelas rédeas. “A visão não foi mais observada.”

Estas últimas palavras da narração fazem alusão à crença antiga e popular segundo a qual esses “prodígios” prognosticavam um acontecimento análogo que iria produzir-se. Na realidade, podem também constituir o reprodução de um acontecimento que já se verificou, como depois demonstraremos. A circunstância de um homem, a cavalo, que devia ter atravessado as fileiras da tropa, nada ter notado, contribui para tirar desta visão um caráter objetivo propriamente dito.

A profunda meditação, na qual o moço viu mergulhado o pai, a ponto de lhe fazer esquecer o espetáculo de um exército em marcha, sugere a ideia de um estado psicologicamente anormal em que ficou esse homem. Por outro lado, neste caso, os percipientes foram dois, mas se trata de duas pessoas ligadas por laços psíquicos muito íntimos (pai e filho) e só se poderia pensar que uma comunicação subconsciente se estabeleceu entre os dois, no momento. Existem numerosos exemplos dessas “ligações” de pensamentos e de percepções. Veremos, mais diante, alguns que parecem incontestáveis.

Este outro caso foi igualmente registrado no *Nightsides of Nature*, da Sra. Crowe. O autor, como de costume, não lhe citou a fonte. Foi, sem dúvida, também da obra da Sra. Crowe que o transcreveu o Coronel Peter:

“O acontecimento realizou-se em Havarah-Park, perto de Ripley, em 1812. Os soldados trajavam uniformes; no centro, se achava uma pessoa de uniforme vermelho. Depois de algumas

evoluções, essa tropa marchou em perfeita ordem para o cume de uma colina, passando distante dos espectadores, mais ou menos cem jardas (uma centena de metros). Eram várias centenas e marchavam em coluna de pelotões de quatro. Logo passou outra tropa ainda mais numerosa, uniformizada de roupa escura, marchando atrás da anterior, mas sem hostilidade aparente. Os dois corpos, chegados ao cimo da colina, formaram então uma espécie de L e desapareceram do outro lado, sem que de novo fossem vistos. Nesse momento, elevou-se uma fumaça parecendo ser a de uma descarga de artilharia.

Os espectadores entraram então a contar o que haviam visto e diz que a impressão que tiveram foi muito grande; que não mais puderam falar nisso sem emoção. Um deles é um rendeiro de nome Jackson, de 45 anos; o outro, um jovem de 15 anos chamado Turner. Essa cena parece ter durado um quarto de hora; durante todo esse tempo eles estavam de posse de si mesmos e trocavam observações sobre o que viam. Eram homens de excelente reputação e de uma veracidade perfeita, de maneira que nenhum dos que os conhecia duvidou do que eles tinham visto ou pelo menos do que acreditavam ter visto. É preciso notar ainda que o terreno não é pantanoso nem sujeito a exalações.”

Este último fato pode ser também atribuído a uma alucinação, provavelmente “verídica”; as testemunhas da cena só foram duas, evidentemente ligadas por uma relação psíquica, mas a hipótese contrária poderia ser sustentada sem que se possam aí opor argumentos bem sólidos.

(23) *Mystique*, liv. V, cap. XIX.

(24) *Nightsides of Nature*, cap. XVI.

Explicações que os Fatos podem receber

Procura-se outra hipótese e o Ocultismo fornece, naturalmente, a das imagens astrais, a dos clichês astrais.

“O Ocultismo ensina, escreve o Dr. Gerard Encausse (Papus) ⁽³⁶⁾, grande mestre nesta doutrina, que, da mesma maneira que toda coisa ou todo ser projeta uma sombra no plano físico, do mesmo modo lança um reflexo no plano astral. Quando uma coisa ou um ser desaparece, seu reflexo no astral persiste e reproduz a imagem dessa coisa ou desse ser tal qual era sua imagem no momento em que desapareceu. Cada homem deixa então no astral um reflexo, uma imagem característica... Colocando-se em relação com essas imagens astrais é que o vidente acha toda a história das civilizações desaparecidas e de todos os seres também desaparecidos. Uma descoberta, inteiramente recente, a da psicometria, veio mostrar que essas afirmações do Ocultismo, que se poderiam tomar para a metafísica pura, correspondem a realidades absolutas. Supõe que vosso reflexo em um espelho persiste, depois de vossa partida, com sua cor, suas expressões e todas suas aparências de realidades, e tereis uma ideia do que se pode entender por “imagem astral de um ser humano”.” ⁽³⁷⁾.

Como aplicar esta bizarra teoria a um fato que não se produzira ainda, como no caso da visão de Utrecht? Aqui entra em jogo a outra teoria, não menos estranha, do Eterno Presente, segundo a qual o Passado, o Presente e o Futuro só constituem uma coisa relativa ao observador; de maneira absoluta seria sempre o Presente. Kant ⁽³⁸⁾ e Schopenhauer ⁽³⁹⁾ consagraram páginas interessantes o esta

teoria que foi retomada, em nossos dias, por grande número de metapsiquistas. Eis como Frederic Myers se exprime a este respeito.

"Se há um mundo transcendental, há um aspecto especial do Passado e do Futuro, mais cheio e mais amplo do que este empírico. Poucos homens meditaram bem sobre estes problemas do Passado e do Futuro, sem se perguntarem se o Passado e o Futuro não são, na realidade, senão um nome." ⁽⁴⁰⁾

Esta hipótese parece admitida também por um sábio como Sir Oliver Lodge, que, a propósito da psicometria, escreve:

"Uma galeria de pintura cósmica (como lhe chama o Sr. Myers) ou uma coleção fotográfica de tudo que se passou e de tudo que se passará no universo pode ser admitida, em certos sentidos, e pode ser aberta em parte e vagamente decifrável para a porção lúcida do automatismo ou da inteligência de uma pessoa em transe." ⁽⁴¹⁾ Bérghson, como filósofo, também admite:

"As imagens dos acontecimentos não são dispostas uma depois das outras como num filme, mas dispostas em uma ordem diferente que não podemos imaginar, mas que podemos conceber." ⁽⁴²⁾

Um eminente crítico espírita combateu a hipótese do "Eterno Presente" porque, contrariamente às opiniões de Bérghson, de Lodge e de Myers, ele a acha "impensáveis". Apenas, há muitas coisas que são impensáveis para o cérebro de um peixe e que não o são para o de um homem e há também muitas coisas impensáveis para nosso cérebro humano, as quais não são menos reais e que poderão ser "pensadas" e compreendidas por um cérebro melhor ou diversamente organizado. Os espíritas nos ensinam isto, muito judiciosamente, quando se trata, por exemplo, da descrição de coisas do Além! A maneira pela qual um ato de nossa vontade pode fazer levantar nossos braços é não apenas incompreensível, mas impensável para nós, e devemos, no entanto, limitar-nos a verificar empiricamente este fato.

Outras objeções contra a hipótese dos clichês astrais: Os espectadores das aparições de Edge Hill ouviram também gritos de combatentes e de feridos, toque de tambores, ruído de armas de fogo, etc., ao mesmo tempo em que assistiam ao combate. Sons astrais junto com imagens astrais? Fonografia transcendental com cinematografia transcendental? Films falados 100%, em suma. Pode-se, porém, responder: "Por que não? Não se tratou disto na passagem de Lodge que reproduzimos acima." Que se nos deixe tomar fôlego entre uma hipótese e outra. Teremos assim o ensejo de indagar se a hipótese verdadeira não é, para esses fenômenos como para tantos outros, a que não se conhece ainda.

Quanto à hipótese simplista que, recusando considerar os testemunhos, a olhar os fatos em face, consiste em ocultar a cabeça debaixo da asa para não ver e poder negar, é ela para os derrotistas da ciência e da verdade a hipótese sempre remanescente. Notamos, ainda, que a circunstância de que uma visão dessa espécie é percebida somente por algumas das pessoas presentes e não por outras, deixa, razoavelmente, supor que se trata de um fenômeno subjetivo, de uma alucinação verídica. Todavia esta prova não é rigorosa. Pode, com efeito, muito bem tratar-se de um espetáculo

tendo uma forma de realidade material, mas escapando à visão daqueles que não estão dotados para vê-las, como os raios ultravioletas que não são comumente percebidos pelos humanos, embora tenham uma existência de natureza física; um olho de uma conformação ad hoc as perceberia. Esta observação pode revestir um interesse considerável na pesquisa da natureza de um grande número de fenômenos supranormais. Uma coisa nos parece provável: é a relação dos fenômenos em questão com alguns desses que pertencem à categoria multiforme dos “lugares assombrados”, onde as manifestações não são sempre apenas visuais, mas também auditivas, não são sempre igualmente percebidas por todos os assistentes, repetindo-se, frequentemente em horas fixas etc.

(37) Esta hipótese existe há muito tempo na Ásia; ela se liga. com efeito, ao que os teósofos chamam: “a crônica do Akasa”.

(38) Traum eines Geisterschers.

(39) Parerga und Paralipomena.

(40) Proceedings of the Society for Psychical Research, 1895, pgs. 337 e 592.

(41) Idem, 1894, pág. 21.

(42) Durée et Simultaneité.

A Mediunidade e a Lei

Carlos Imbassahy

O Dr. Louis Serré cita vários exemplos em que foram absolutamente exatos os diagnósticos dos sonâmbulos. (151)

São abundantes os fatos em que sensitivos em estado sonambúlico, ou mesmo em estado normal, podem diagnosticar à vista de utensílios, roupas, cabelos do enfermo. Chamaríamos a isso diagnósticos psicométricos, por fazer parte de uma secção da Metapsíquica denominada Psicometria, que são as revelações por intermédio de objetos, que constituem o rapport.

A uma sonâmbula deram os cabelos de pessoa ausente. Ela começou a mostrar sinais de loucura e a entoar uma canção monótona. Ora, os cabelos pertenciam a uma pessoa louca, que costumava cantar aquela monotonia. (152)

É de Ségouin o seguinte caso muito interessante:

"Pedia-se a uma sonâmbula que procurasse entrar em relação com a autora de uma carta, e lhe deram a missiva sem lhe dizer mais nada. Mas a sonâmbula mandou que a colocassem em estado de êxtase, visto que a dona da carta tinha morrido. (O êxtase é um estado em que há desprendimento do Espírito e, portanto, sono profundo.)

– Não há tal – disse aquele que apresentava a missiva –, a carta é de minha tia que está maravilhosamente bem.

A sonâmbula reiterou o que dissera, acrescentando que a senhora tivera um ataque dois dias antes.

Verificou-se que a dita senhora talvez estivesse passando maravilhosamente, como dizia o sobrinho, porém não já neste mundo." (153)

Aubin Gautbier, em interessante estudo, apresenta numerosos casos em que os diagnósticos dos sonâmbulos foram verificados exatos pela autópsia, estando, entretanto, em divergência com os diagnósticos médicos. (154) E o Dr. Koreff:

"Posso afirmar que bons sensitivos, em casos extraordinários de doenças, são cem vezes menos expostos ao erro que os mais hábeis médicos." (155)

Conta Bertrand que certo ferido entrara num quarto onde se achava desacordada uma sonâmbula. E a adormecida:

— Não é possível que um homem viva com uma bala na cabeça.

E indicou exatamente o trajeto da bala e onde ela se alojara. (156) Convém aqui anotada uma previsão de Reichenbach:

"Tempo virá – e o prevejo confiantemente – em que ricos e príncipes terão sempre a seu serviço, para si e sua família, pessoa de elevada sensibilidade.

Ela anunciará as alterações atuais e futuras no estado de saúde do seu senhor, muito antes que o mal se desenvolva, e poderá atrair a atenção dos médicos para os desarranjos, antes que eles possam ser revelados por outros sintomas. Um sensitivo servirá de profilactério." (157)

Parece que a profecia do insigne Barão falará fragorosamente. A classe dos príncipes e ricos está diminuindo, e até agora são os pobres e burgueses os que recorrem a tais sensitivos. Por maneira que, em vez da retribuição que lhes proporcionariam os príncipes e os ricos, o que têm colhido até agora são processos e presídios, circunstância essa que contribuirá a diminuir-lhes, sufocar lhes ou extinguir lhes a faculdade, desaparecendo essa infeliz raça no ergástulo purificador, como desapareciam no suplício e na fogueira os antigos portadores de tão funesto predicado.

(151) Louis Serré – “Application du Somnambulisme”.

(152) Barão du Potet – “Le Propagateur”, I, página 246.

(153) L. Segouin – “Le Mystère de La Magie”, pág. 82.

(154) Aubin Gauthier – “Revue Magnétique”, II, pág. 540.

(155) “Archives Générales de Medecine”, 1929, n. XX.

(156) A. Bertrand – “Traité de Somnambulisme”, Paris, 1823, pág. 229.

(157) Chevalier de Reichenbach – “Der sensitive Mensch”, I, 428.

Estudos sobre Mediunidade

Centro Espírita Allan Kardec

PSICOMETRIA

1. Definição

É a faculdade, que poucas pessoas possuem, de descrever acontecimentos ou cenas, distantes no espaço e no tempo, mediante o contato físico ou a simples aproximação de certos objetos que lhes são apresentados.

O exemplo mais típico ocorre quando se apresenta ao sensitivo um objeto qualquer pertencente a uma pessoa ou de seu uso, e, então, o sensitivo descreve a fisionomia, situação, sentimentos, cenas ou detalhes outros relacionados com o dono ou usuário do objeto.

No entanto, experiências feitas com galhos de árvore, pedaços de carvão, penas de pombos, etc., demonstram que também são psicométráveis os elementos ligados a animais, vegetais e coisas inanimadas e não somente os relacionados aos seres humanos.

2. Mecanismo da Psicometria

a) Em volta dos objetos que nos são comuns, cria-se uma aura fluídica, resultante dos

pensamentos que continuamente lhes endereçamos ou apenas emanamos usando-os.

Quanto maior a afeição que votamos a um objeto, maior a carga fluídica que se acumula em torno dele, passível de nos identificar.

Se o objeto não tiver qualquer ligação fluídica-mental com alguma pessoa, o psicômetra nada pode identificar em relação a alguém, mas apenas em relação ao próprio objeto.

Os objetos, pois, funcionam como mediadores, intermediários entre o psicômetra e os seres, acontecimentos e ambientes que se desejam identificar.

b) O psicômetra é a pessoa que consegue concentrar seu pensamento, com atenção profunda, no objeto a ser analisado, fazendo com que sua percepção extrapole aos sentidos físicos comuns. Ele consegue desarticular a força nervosa de certos núcleos (audição e visão, p. ex.) e incorporá-los aos raios exteriorizados de sua energia mental, conseguindo com isso novos poderes sensoriais.

O psicômetra pode, também, desdobrar-se e entrar em contato mais intenso com o plano espiritual, com o que aumentam suas percepções no tempo e no espaço.

3. É a Psicometria uma forma de mediunidade?

A Psicometria apresenta variedade de fenômenos, que resumiremos assim:

a) Pode ser uma função anímica, uma variedade da clarividência, quando a relação e descrição é feita com estados da matéria, animais e vegetais, ligados ao objeto psicométrado. Ou, quando o psicômetra, por exemplo, percebe e descreve uma doença ou órgãos afetados da pessoa relacionada ao objeto em análise.

b) Pode ser um fenômeno mediúnico, se o psicômetra entrar em contato com espíritos (encarnados ou não) e captar-lhes telepaticamente os pensamentos imantados ao objeto, bem como imagens projetadas.

Hipnotismo e Espiritismo

Cesar Lombroso

Os Adivinhadores entre os Cafres ⁽¹⁾

Os cafres são um povo extremamente supersticioso: a superstição tem grande importância nas relações da vida e faz parte das leis, dos costumes, da religião.

O sistema religioso consiste na veneração do espírito dos trespassados (Amadhlosi)

Isanusi e Isangoma chamam-se os adivinhos, que podem ser considerados como os sacerdotes dos cafres, e são os intermediários dos mortos; sua influência no bem e no mal, seu poder no coração dos cafres é ilimitado. A arte divinatória pode ser exercitada por homens e mulheres, e os que exercem esse cargo formam uma classe bem distinta nas raças sul-africanas.

Os europeus confundem os adivinhos com os magos, mas, segundo os cafres, os adivinhos constituem uma seita religiosa com o fim de beneficiar o povo. Intitular um Isangoma (adivinho) de mago é inflingir-lhe a maior das ofensas, tal como a de chamar ladrão a um policial. Para os cafres, o adivinho é o protetor do povo, e lhe compete desmascarar os culpados e os feiticeiros, e levá-los à justiça e ao castigo.

Enquanto o mago exercita sua arte por interesse próprio, o adivinho trabalha pelo bem comum, como um funcionário do Estado. Antes de eleger-se o indivíduo, prova-se a sua idoneidade pelo descobrimento dos malfeitores, de objetos perdidos, por verificar uma moléstia e sua causa. Pode ainda ter outros dotes; há os especialistas para a chuva, a saraiva, o trovão, as ervas. É também perito na arte médica. Deve ter, principalmente, a capacidade de se comunicar com os espíritos dos mortos, para que estes manifestem seus oráculos. Aqui, a imaginação e a fraude podem agir livremente.

Quem possui nervos sensíveis e sonhos agitados é considerado como capaz de entrar em relação com os Amadhlosi, espíritos dos mortos, e por isso as mulheres são as mais dispostas. Ninguém pode declarar-se, simplesmente, adivinho. Os candidatos têm que submeter-se, por algum tempo, à instrução de um sábio, escolhido entre os mais velhos, e será nomeado com a aprovação dos Chefes.

Na primavera, com o aparecimento das folhas, surgem os primeiros sintomas dos futuros adivinhos. Se nessa estação, um jovem tem sonhos tumultuosos, logo crê que os Amadhlosi tenham relações com ele; pensa ouvir-lhes as vozes, vai a lugares solitários, mergulha

em água profunda para receber a comunicação dos Espíritos; chegada a noite, volta a casa, recusa os alimentos, quando antes os devorava como um lobo, e cai em êxtase.

Após esses fenômenos, os parentes resolvem submetê-lo ao exame de um adivinho. Se este verifica a autenticidade da vocação, prescreve-lhe um remédio para reforçar lhe os sintomas misteriosos; opõe-lhe um topete de penas na cabeça e o inicia nos segredos da ciência: o candidato continua seu tratamento com remédios e fricções; tomado, enfim, de frenesi, lança-se às paredes rochosas, atira-se n'água, com perigo de vida, se os amigos não o vigiassem; esconjura as serpentes e as enrola no corpo e no pescoço; nesse ínterim, emagrece visivelmente, o que lhe dá valor, porque os indígenas têm pouca confiança nas pessoas gordas. Muitos colegas vêm à sua cabana e não raro discutem sobre a arte que exercem, lançando uns aos outros os epítetos de mistificador e ignorante. Depois de algum tempo o adivinho acalma-se, volta-lhe o apetite, seus sonos se tornam tranquilos e começa a exercitar-se na procura dos objetos perdidos.

Antes de ser publicamente reconhecido, ele deve prestar exame diante do povo. Escondem-se diversos objetos, e se ele não os pode descobrir sozinho, vem outro indivíduo em seu auxílio. Se a prova dá bom resultado, é considerado verdadeiro adivinho.

Entre os cafres não há consagrações sem carne e cerveja, e os mestres do novo colega, depois de lhe haverem revelado os segredos da ciência, com receio que dela se afaste e torne à vida primitiva, matam-lhe os animais, que servem para que se dê uma festa pública; os amigos lhe fornecem presentes, que superam as primeiras necessidades; depois, com boa dose de astúcia e desenvoltura, bem conduzidos os clientes, poderá fazer-se fortuna. Se os seus auspícios se verificam torna-se célebre e faz depressa uma frutuosa clientela; se ele erra, dirá como os espíritas, que os Espíritos o enganaram, que estavam em lua má e nada lhe quiseram revelar.

Curiosa é a confissão de uma cafrina, velha e magra, chamada Paula, de Marianhill, feita cristã aos 12 anos, e que foi célebre adivinha durante quarenta anos. “Quando era jovem — narra ela — depois de haver dado à luz o meu terceiro filho, adoeci com convulsões, tive algumas visões e emagreci como um palito. Os parentes interrogaram um adivinho e meu pai, notável na arte, disse: — Tragam-na, quero fazer dela uma clarividente. — Meu marido opôs-se a princípio, receando expender muito dinheiro, mas, afinal, fui levada a uma adivinha que, com meu pai, ensinou-me a ver claro no mistério. Trouxeram-me os três excelentes remédios da bondade, da mansidão, da conformidade com os espíritos dos mortos. Bebi-os durante 30 dias, depois levaram-me e esfregaram-me com eles. Colocaram-me nos ombros peles de cabra, como distinção pelos meus méritos. Os Espíritos falavam mais comigo; nos sonhos via os de meus

antepassados, na forma de lagartos cinzentos, e comecei a profetizar. Depois de todas as provas, fui declarada apta, conduziram-me à minha pátria e tive as honras de uma grande festa; mataram-se bois, bebeu-se o utschwala, a bebida dos cafres; meus mestres ganharam dois bois. Eu apanhei um galo, que fazia adormecer com remédios, pulo no teto da cabana e ele lá ficou dia e noite, para que me advertisse com seu canto da vinda dos clientes. Quando estava para ser tomada de convulsões, gritava: — Depressa, venham em meu socorro, que os Espíritos me assaltam. O povo acorria, cantava e bailava, batendo os pés.

Há 17 anos, o magistrado de Maritzburg mandou-me chamar porque lhe roubaram dois cavalos. Eu lhe disse: — Vá à cascata de Umgeni e aí encontrará os cavalos amarrados, mas os ladrões cortaram-lhes a cauda e a crina. Foram enviados vários policiais ao local indicado, acharam os cavalos, como eu tinha dito, e prenderam os ladrões que já os iam conduzir.

Para as suas investigações, serve-se o adivinho de ossos de animais, de bastões que põem no solo; alguns observam como eles caem no chão; se horizontalmente, a resposta à pergunta é negativa; se batem no consulente é positiva. Em caso de doença do estômago, devem cair no ventre; se tocam em outros membros é nesse que reside o mal.

Tylor (Di Vesme, ob. cit.) e o Missionário Rowley contam que uma feiticeira se serviu, para descobrir uma ladra, de dois bastões: exorcizados quatro jovens, que tocaram neles, dirigiram-se para a cabana da ré. Excitados pelas contorsões e gritos da feiticeira, foram tomados de tremor nervoso, que se transformou em convulsões, e correndo desabaladamente pelo mato, caíram prostrados e sujos de sangue na cabana de uma das mulheres do chefe, que era a ladra.

(1) Anthropos (Revista di Missionari, t. II, Viena, 1907).

Hipnotismo e Mediunidade

Cesar Lombroso

Entre os Chineses — Passando à China, encontramos, nos conventos dos Lamas, monges budistas, as mais maravilhosas práticas espiritistas, e, entre outros, os fenômenos de invulnerabilidade. Nos “Souvenirs d'un voyage dans la Chine et la Tartarie”, escritos pelo padre Huc, antigo missionário apostólico, e em Di Vesme (obra citada), se encontra o relato de maravilhoso caso de invulnerabilidade de um lama, o qual, abrindo o ventre com a faca sagrada, recolheu na mão direita um pouco de sangue do seu ferimento, levou-o à boca, nele soprou três vezes, e depois o atirou para o ar, emitindo grande grito; passando em seguida, rapidamente, a mão sobre a ferida do

ventre, tudo voltou ao estado primitivo, sem que ficasse traço da diabólica operação, salvo extremo abatimento.

Nem todos os lamas têm poder para esta prodigiosa ação, que, mais das vezes, só se encontram nos dos últimos graus da hierarquia.

Os lamas mais autorizados mostram, em geral, horror a semelhantes espetáculos.

Abrir o ventre é um entre os mais famosos “sié-fa” (modos perversos) que possuem os lamas. Os demais, ainda que do mesmo gênero, são menos grandiosos e mais em voga, e consistem em passar repetidamente a língua por um ferro ardente, em fazer incisões no corpo, sem que, um instante depois, reste o mínimo traço, etc., etc. .

Tcherpanoff ⁽⁶⁴⁾ cita um método em uso no Tibet., para descobrir os objetos roubados. O lama se serve, para este escopo, de mesinha quadrada ante a qual se senta no solo, e pousa sobre ela a mão, lendo um livro. Ao cabo de meia hora, ergue-se, tirando a mão da mesa, porém mantendo-a na posição, como se ainda a tivesse pousada. A mesa se eleva do chão e se dirige em algum rumo; o sacerdote a segue sempre com os braços estendidos, mas, algumas vezes, isto se prolonga e fatiga, tanto ela se apressa. Assim, a mesinha vai colocar-se sobre o lugar onde jaz o objeto roubado, ou dele perto.

“No caso que presenciei — diz Tcherpanoff —, a mesa se projetou a grande distância, cerca de trinta metros, porém, o objeto buscado não foi recuperado. Mas, na direção indicada pela mesa, estava a cabana de um colono russo, que, tendo notícia do fato, se suicidou. O suicídio despertou suspeitas, foi revistada a cabana e nela encontrada, escondida, a coisa roubada.”

John Bell, que percorreu a Ásia em 1719, referiu que, tendo sido roubado um comerciante russo perto de uma tribo mongol, certo lama pegou um banco, fê-lo girar e revirar várias vezes, até que este, por si, rumou em direção da tenda do larápio. Para ali se transportou o lama, que ordenou a restituição da fazenda roubada, e foi obedecido ⁽⁶⁵⁾ . _____

(64) “Annali dello Spiritismo”, junho, 1865, pág. 257; Di Vesme – Ob. Cit.

(65) Tylor – “Civilisation primitive”, vol. II, pág. 203; Di Vesme – “Storia dello Spiritismo”.

Bíblia

Diversos

ATOS, 19

19 E sucedeu que, enquanto Apolo estava ¹em Corinto, Paulo, tendo passado por todas as regiões superiores chegou a Éfeso; e achando ali alguns discípulos,

2 Disse-lhes: Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: ²Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo.

3 Perguntou-lhes então: Em que sois batizados então? E eles disseram: ³No batismo de João.

4 Mas Paulo disse: ⁴Certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo.

5 E os que ouviram foram batizados ⁵em nome do Senhor Jesus.

6 E, impondo-lhes Paulo ⁶as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo: ⁷e falavam línguas e profetizavam.

7 E estes eram, ao todo, uns doze varões.

8 E, ⁸entrando na sinagoga, falou ousadamente por espaço de três meses, disputando e persuadindo-os ⁹acerca do reino de Deus.

9 Mas, como alguns deles ¹⁰se endurecessem e não obedecessem, ¹¹falando mal do Caminho perante a multidão, retirou-se deles e separou os discípulos, disputando todos os dias na escola de um certo Tirano.

10 E durou ¹²isto por espaço de dois anos; de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, assim judeus como gregos.

11 E Deus ¹³pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias.

12 De ¹⁴sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam.

19 ¹ I Cor. 1.12 e 3.5.6. ² cap. 8.16. I Sam. 3.7. ³ cap. 18.25. ⁴ Mat. 3.11. João 1.15,27,30. Cap. 1.5 e 11.16 e 13.24,25. ⁵ cap. 8.16. ⁶ cap. 6.6 e 8.17 ⁷ cap. 2.4 e 10.46. ⁸ cap. 17.2 e 18.4. ⁹ cap. 1.3 e 28.23. ¹⁰ II Tim. 1.15. II Ped. 2.2.Jud.10. ¹¹ cap. 9.2 e 22.4 e 24.14. ver. 23. ¹² cap. 20.31. ¹³ Mar. 16.20. cap. 14.3. ¹⁴ cap. 5.15. II Reis 4.29.

Desenvolvimento Mediúnico

Edgard Armond

É uma simples modalidade de vidência e não uma faculdade em separado.

Tem por base a impregnação na aura de cada objeto, ou ser, de fatos ou acontecimentos do pretérito, com os quais esteve o objeto ou a pessoa em contato.

Essa impregnação é indelével e ocorre com todos os fatos, acontecimentos e movimentos físicos no Universo.

O médium posto em presença do objeto ou pessoa concentra-se e vê as cenas passadas cronologicamente.

No desenvolvimento, o dirigente tem amplo campo para as experiências, podendo lançar mão de desenhos, sinais, palavras escritas fechadas em envelopes, submetendo-as à vidência do médium.

Mediunidade

Edgard Armond

Esta forma especial de vidência se caracteriza pela circunstância de desenvolver-se no campo mediúnico uma série de visões de coisas passadas, desde que seja posto em presença do vidente um objeto qualquer ligado àquelas cenas.

Apresentando-se, por exemplo, ao vidente, um pedaço de madeira, poderá ele ver de onde ela proveio, onde foi a madeira cortada, por quem foi trabalhada, de que construção fez parte e tudo o mais que com ela se relacione. Vide note anterior, n.º 13.

Segundo se diz, o célebre romance “Últimos Dias de Pompéia” de Lord Bulver Litton, foi escrito dessa maneira: visitando o escritor, as ruínas daquela extinta cidade, tomou de um fragmento de tijolo e, usando-o como polarizador, viu desenrolar-se no seu campo de vidência, todos os acontecimentos ligados à destruição da cidade.

Uma forma também muito interessante de lucidez é aquela em que o Espírito do médium, exteriorizado, abandona sua "mente menor" (aquela que usa na vida comum, a que trouxe para as provas da presente encarnação) e penetra na "mente maior", na "mente total", (a que se liga a todos os fatos de sua evolução, a que contém todas as reminiscências do seu passado) e, integrado momentaneamente nela, revive determinadas cenas e fatos, ali indelevelmente registrados. Isto é o que sucede após cada encarnação, sistematicamente e de forma natural, quando o Espírito retorna ao Espaço.

Neste caso de que estamos tratando, de reintegração momentânea na mente maior, o processo é nitidamente sonambúlico, não do sonambulismo clássico em que há sujeição forçada a um hipnotizador encarnado, mas de desdobramento natural, consciente, em que o médium vive de novo os fatos, os vê e os sente e, ao mesmo tempo, os vai descrevendo verbalmente ou por escrito, gozando ou sofrendo novamente tudo aquilo que já se passou há muito tempo, há milênios, talvez.

Normalmente, quando o Espírito encarna, a mente se reduz, para esquecer o

passado e recapitular determinadas experiências e, quando desencarna, ela se expande, se integra, para lembrar e retomar a posse de si mesma. Extraordinariamente, nos casos de lucidez mediúnic, a expansão mental é momentânea, restrita.

Há ainda um aspecto, aliás, pouco comum, de vidência, que é de interesse relatar: são as visões coletivas, isto é, cenas observadas ao mesmo tempo por várias pessoas.

Por exemplo: batalhões de soldados que fazem manobras em planícies cheias de habitações, às vezes em pleno dia, à vista de espectadores maravilhados; caravanas numerosas de homens e animais que atravessam montanhas, sumindo-se em desfiladeiros e precipícios, sem deixar vestígios; bandos irregulares de indivíduos conduzindo veículos; rebanhos de animais conduzidos por pastores...

Tais fatos têm-se verificado em alguns países, mormente na Escócia, presenciados por muitas pessoas, repetindo-se em datas determinadas e provocando assombro geral.

Não há, realmente, explicação aceitável para tais coisas e aqui as anotamos somente a título de curiosidade.

Realmente, não seria crível que os espíritos tivessem promovido a materialização em massa de tantos indivíduos e animais, tornando-os francamente visíveis; nem também crível que, por coincidência, se agrupassem em determinados dias e horas e no mesmo local, tantas pessoas possuidoras de faculdade de vidência; nem ainda que sobre todas essas pessoas, tivesse sido derramada, momentaneamente, tal faculdade, somente para aquele ato; nem, por último, que todas essas pessoas, durante várias horas, tivessem sido vítimas de uma tremenda ilusão dos sentidos e com tamanha uniformidade, vendo todas elas as mesmas coisas e da mesma natureza.

Como quer que seja, o fenômeno existe e tem sido observado inúmeras vezes.

Realmente, trata-se de imagens mentais projetadas por Espíritos dotados de alta capacidade realizadora, no campo das criações ideoplásticas.

Metapsíquica Humana

Ernesto Bozzano

METAGNOMIA E HIPÓTESES ESPÍRITAS

Volto a discutir uma objeção já por mim abordada, mas que está a reclamar alguns esclarecimentos mais. Como devemos estar lembrados, Sudre afirma que "os espíritos discutem sobre algumas categorias de fenômenos, em que se entrincheiraram e que declaram inexplicáveis pelas teorias metapsíquicas.

A tal respeito cumpre-me dizer que não somente deixa de ser exato se trate apenas

de algumas categorias de manifestações, mas que a análise comparada torna evidente que diversas manifestações metapsíquicas, de ordinário anímicas, podem ser na realidade espíritas, do mesmo modo que muitas manifestações, ordinariamente espíritas, podem, não raro, ser de fato anímicas.

Com efeito, Animismo e Espiritismo representam o duplo aspecto pelo qual se apresenta a mesma fenomenologia, que provém de uma causa única, constituída pelo espírito humano, na sua dupla fase de existência: a "encarnada" e a "desencarnada".

Agora, e de harmonia com esta tese, devo lembrar que, nas classificações dos casos de identificação espírita, encontram-se numerosos episódios obtidos com a ajuda de manifestações habitualmente anímicas, assim como que, sob o ponto de vista rigorosamente científico, é relativamente raro que na categoria das manifestações ordinariamente anímicas se possam encontrar incidentes especiais que sejam cientificamente capazes de anular a explicação natural em favor da probabilidade espírita. De qualquer modo e naquilo que concerne à tese em apreciação devo fazer notar, como observação teoricamente importante, que uma coisa é reconhecer que se não devem ter em conta os casos de identificação espírita que, mais ou menos bem, possam ser explicados pela metagnomia, e que outra coisa, aliás, muito diferente, é pretender que todos os casos, mais ou menos bem explicados pela metagnomia, devam constituir, em bloco, casos de metagnomia. Este último modo de ver é uma pretensão gratuita e absurda dos nossos opositores, quando a análise comparada dos fatos deveria levar a uma conclusão diametralmente oposta. Daí decorre que, sob o ponto de vista científico, devemos limitar-nos em afirmar que, nas circunstâncias duvidosas, nos cumpre optar sempre pela hipótese menos ampla que, no caso, é a da metagnomia. E, nesse pormenor, parece que estamos todos de acordo.

Feita essa declaração de princípio, vou desenvolver a tese acima exposta, demonstrando, no terreno dos fatos, o motivo por que devemos concluir que uma percentagem considerável de casos supostos de metagnomia ou de criptestesia — se assim o quiserem, de fato não o são, embora cientificamente ainda seja legítimo excluir, inexoravelmente, das provas de identificação espírita, os casos incertos.

O incidente, já referido, do não reconhecimento da Srta. Warner pela personalidade medianímica de George Pelham, proporciona um bom exemplo para esclarecer a tese que sustento.

Nesse incidente encontram-se, com efeito, os elementos necessários para

demonstrar, de um lado, que ele é incontestavelmente de natureza espírita e, de outro, que, embora assim sendo, ele deveria ser classificado entre os explicáveis pela metagnomia, se algumas circunstâncias de natureza colateral houvessem faltado.

As circunstâncias colaterais, que o tornam invulnerável, são os trinta casos de reconhecimento dos amigos vivos, por parte da personagem medianímica de George Pelham. Se o incidente do não reconhecimento da Senhorita Warner houvesse sido um incidente insulado, teriam os opositores podido invocar a hipótese conhecida da "telepatia ao lado", segundo a qual muitas vezes os sensitivos leem com grande facilidade na subconsciência do consultante e só muito dificilmente na mentalidade consciente dele. Assim, no caso da Srta. Warner, ter-se-ia podido dizer que a médium em transe, personificando o Espírito de George Pelham, não havia podido captar os esclarecimentos necessários para uma mistificação, porque os consultantes as tinham presentes na mente, mas que, se não estivessem nisso pensando, teria conseguido a médium tirá-los das respectivas subconsciências. Em verdade, vê-se que essa explicação teria sido pescada a gancho de açougue, mas, em todo o caso, não seria possível de todo eliminá-la e o incidente em questão estaria perdido para a classificação dos casos de identificação espírita. Mas, felizmente, essa explicação especiosa não pode prevalecer pelo fato de o incidente negativo da Srta. Warner fazer parte integrante de uma série de trinta incidentes de completo reconhecimento de outros tantos amigos vivos do defunto comunicante, amigos que tinham presentes na mente os seus próprios nomes e qualidades, exatamente como a Srta. Warner. Se tivessem, pois, a pretensão de aplicar a hipótese em foco ao incidente do não reconhecimento da Srta. Warner, os trinta episódios de completo reconhecimento ficariam então inexplicáveis. Segue-se que esta admirável série de episódios colaterais não só serve para anular a explicação sofística, senão também para demonstrar como, praticamente, são duvidosas as pretensas explicações naturais, tão ao sabor dos nossos opositores, explicações que se não podem ser, de todo, eliminadas, 75 vezes sobre 100 pecam por falta de base, como constantemente estão os fatos a demonstrar.

Dentro em breve tempo os pesquisadores providos de uma intuição realmente científica hão de reconhecer que, para resolver a problema relativo à gênese subconsciente ou extrínseca dos casos de identificação espírita, o exame de cada caso se impõe, acompanhado de análise meticulosa e inteligente de todos os incidentes e de todos os elementos atinentes ao episódio, análise que precisa ter em conta as condições dentro das quais se desenvolve e, sobretudo, os característicos particulares da mediunidade através da qual são obtidos. As teorias genéricas, pré-estabelecidas, totalizadoras, são destituídas de qualquer valor.

Um segundo exemplo, em favor da mesma tese, pode ser tirado de um caso notável de metagnomia, o famoso caso "Lerasle", estudado pelo Dr. Osty. ("Annales des Sciences Psychiques", 1914, pág. 97, 1916, 130.)

A 18 de março de 1914, o Sr. Mirault, residente em Court-les-Barres (Cher), preveniu

o Dr. Osty de que havia mais de 15 dias se procurava infrutiferamente, um velho chamado Lerasle, que, tendo saído de casa para o seu passeio diário, não havia mais voltado. Os parentes e amigos, a princípio, e depois cerca de oitenta pessoas, reunidas pelo Prefeito da localidade, haviam revistado cuidadosamente, durante vários dias consecutivos, os arredores, sem resultado algum. Em tais circunstâncias, o Sr. Mirault enviava ao Dr. Osty um lenço de seda (foulard), que pertencera ao velho, pedindo-lhe de, neste sentido, consultar uma das suas sonâmbulas clarividentes. O Dr. Osty apresenta o lenço a Sra. Morel, sem nada lhe indicar. A sonâmbula descreve minuciosamente a pessoa do velho desaparecido, a maneira porque estava vestido, a localidade em que morava, o caminho que havia percorrido pela floresta, no dia do desaparecimento, declarando, enfim, que ela, aí, percebia o cadáver, numa espessa moita à margem de pequeno regato.

Organiza-se nova batida, orientada pelas informações dadas pela sonâmbula, e logo se descobre o cadáver do velho Lerasle. Tudo o que a sonâmbula havia afirmado e descrito era rigorosamente exato, salvo o detalhe da posição do corpo. Ela o via "deitado sobre o lado direito, com uma das pernas recolhida", quando, na realidade, ele estava "deitado de costas com ambas as pernas estendidas".

No correr das três consultas, feitas pelo Dr. Osty à sonâmbula, este pormenor se apresenta sempre do mesmo modo.

Durante a segunda consulta, a sonâmbula havia acrescentado o seguinte detalhe: ele não se interna demasiado na floresta... sente-se doente, deita-se, adormece e morre.

A persistência daquele pormenor, sempre integralmente repetido, nas três consultas, deve ser retida, como importante, por isso que, combinada com o que consta da última frase, se reveste, como vou demonstrar, de grande significação.

Cumpr-me observar que este episódio constitui um caso clássico de legítima "metagnomia", no qual não se nota qualquer indício aparente de intervenção estranha à sonâmbula. Desde que procuremos, no entanto, encontrar a forma de metagnomia, que melhor se preste a explicá-lo, começamos logo a sentir a dificuldade, diante do detalhe errôneo e três vezes repetido, que tende a excluir todas as formas por que se pode manifestar a metagnomia, propriamente dita. E se não vejamos:

Temos de rejeitar, in limine, a hipótese de um fenômeno de "visão à distância", inadmissível, no caso. De fato, o erro de visão em que três vezes incide a sonâmbula, percebendo o cadáver deitado sobre o flanco direito, com uma das pernas recolhida, quando ele estava deitado de costas, com ambas as pernas estendidas, vem mostrar, de modo decisivo, não se pode tratar dessa hipótese.

Devemos também excluir a da exteriorização do "corpo fluídico" da sonâmbula, que,

em tais condições, não poderia deixar de ter visto o cadáver na posição em que, de fato, estava.

Do mesmo modo somos obrigados a afastar a da "telestesia", por isso que se o objeto entregue à sonâmbula houvesse servido para estabelecer a "relação psicométrica" entre ela e o cadáver, este deveria por ela ter sido percebido na posição em que realmente se encontrava.

Não poderemos também apelar para a "memória das coisas" (psicometria ou metagnomia tátil) porque no lenço que havia pertencido ao defunto não poderia existir qualquer vestígio de acontecimentos ocorridos depois de ter sido ele, pela última vez, usado pelo dono; enquanto que a outra circunstância — a dos parentes e amigos que, nesse sentido, tudo ignoravam — serve também para eliminar a outra hipótese, de uma suposta "relação psíquica" estabelecida entre a consciência da sonâmbula e a de um vivo ao corrente do fato, de toda a gente desconhecido.

Teremos, pois, de nos contentar com a hipótese "psicométrico-espírita", segundo a qual a influência contida no lenço que pertencera ao velho Lerasle teria servido para estabelecer o "contato" com o Espírito do morto, pondo-o em condições de transmitir, à sonâmbula, uma sucessão de imagens pictográficas, destinadas a revelar a triste história do seu último passeio, guiando-a assim à descoberta do cadáver. Ora, é nesse momento, precisamente, que o erro, três vezes repetido, se transforma em uma prova indutiva admirável, em favor da interpretação espírita. Com efeito, na hipótese de o informador da vidente ser o Espírito do morto, tudo leva a crer que a imagem pictográfica errônea por ela percebida era, na realidade, transmitida pelo morto, como recordação derradeira do momento em que, tendo-se deitado do lado direito e adormecido, com uma das pernas recolhida, passou do sono à morte. E lógico é de supô-lo, não só porque deitar-se do lado direito é a posição natural, para os que se dispõem a dormir, senão também porque tudo leva a crer que os movimentos espasmódicos da agonia tenham modificado a posição do corpo do moribundo, que acabou por se virar de costas, posição de equilíbrio estável, em que acaba por se inteiriçar um corpo agitado por movimentos convulsivos. Ora, quando essa mudança de posição se deu, o moribundo devia encontrar-se já em estado de coma, sem que, portanto, o Espírito se pudesse lembrar desse incidente mínimo. Nada mais natural, pois, que ele transmitisse à sonâmbula a imagem pictográfica do seu corpo deitado sobre o flanco direito, com uma perna recolhida, imagem verídica da sua última lembrança de vida terrestre.

É, pois, certo que, se acolhermos esta versão (única verossímil e única capaz de explicar o fato), o erro de visão em que caiu a sonâmbula se transforma em excelente prova a favor da tese por nós sustentada da provável intervenção estranha ao sensitivo, em muitos casos, mesmo, de suposta "metagnomia tátil".

Um terceiro exemplo em favor da mesma tese é oferecido por um caso assaz conhecido e de palpitante oportunidade. A ele me referi, in extenso, na monografia que publiquei sobre "Os Enigmas da Psicometria". Relata-o o próprio protagonista, Hugh Juner Browne, banqueiro australiano, que teve a infelicidade de perder os dois filhos durante um passeio por eles empreendido, em iate, ao longo da costa de Melbourne.

Não os vendo voltar, encheram-se de apreensões, ele e a esposa, e recorreram

ao célebre médium curador, George Spriggs, para obterem informações. Narra Hugh Browne:

O médium chegou às 8 horas da manhã, tomou a mão de minha mulher e caiu, pouco depois, em sono medianímicos. Perguntou então:

– Fizestes um passeio de mar?

Minha mulher respondeu negativamente e Spriggs continuou:

– Acho uma grande depressão de espírito em relação com o mar. Durante a noite estivestes muito agitada e chorastes (isto é verdade). Completou o seu diagnóstico e terminou repetindo: Vossa perturbação se relaciona com o mar.

Só então fiz uma ligeira referência ao que nos preocupava, perguntando:

— Percebeis algum naufrágio?

Ao que o médium, sempre em transe, respondeu:

– Eu não posso ver se eles se acham no mundo dos Espíritos, mas se me derdes um objeto qualquer, que lhes pertença, pelo qual me possa orientar, então eu as poderei encontrar.

Tomei um canhenho que pertenceu a um e a outro dos meus filhos e lhe entreguei. Começou ele imediatamente nestes termos:

– Vejo-os em uma pequena embarcação na curva de um rio, com uma grande vela e outra pequena abertas ao vento...

Para não ser demasiado extenso, interrompo aqui a transcrição do texto, fazendo apenas notar que o médium produziu uma descrição minuciosa e completa de todos os acontecimentos ocorridos no passeio, até o momento do naufrágio, descrição essa mais tarde confirmada pelas investigações feitas pelo pai. Um dos filhos de Browne se manifestou, em seguida, pelo médium, fornecendo informações ulteriores ao drama. Entre outras a de ter o corpo do seu irmão sido horrivelmente mutilado por um tubarão, que lhe arrancara um dos braços até a espádua; foi isto confirmado de um modo surpreendente, pois que um tubarão, então capturado por acaso, tinha ainda no ventre o braço de Hugh, com uma parte do colete, o relógio e algumas moedas. Os ponteiros do relógio estavam parados nas 9 horas, hora indicada pelo médium como sendo a do naufrágio.

Tal é a parte essencial do acontecimento trágico, que mergulhou no luto a família Browne. Voltando, agora, ao nosso ponto de vista, convém destacar a circunstância, teoricamente notável, de o médium não obstante segurar, entre as suas, a mão da Sra. Browne, nada ter podido descobrir relativamente à sorte dos seus dois filhos, enquanto não lhe foi entregue o canhenho por eles usado. Esse contraste episódico torna evidente, mais do que nunca, que o verdadeiro fim do objeto psicométrico (psicometrado) é o de estabelecer uma relação entre o sensitivo e a pessoa viva ou morta, ligada fluidicamente ao objeto, e faz ressaltar, sobretudo, a condenação de uma hipótese, afagada pelo Dr. Osty, segundo a qual os parentes, os amigos e os conhecidos transmitiriam telepaticamente todos os acontecimentos de suas

respectivas vidas aos parentes, amigos ou conhecidos, acontecimentos que ficariam gravados de um modo indelével na subconsciência destes últimos, onde os sensitivos os iam buscar, dando a ilusão das comunicações com os mortos. Ora, a circunstância acima refuta, de modo peremptório, tal hipótese, pois se o médium, mesmo conservando, entre as suas, a mão da Sra. Browne, nada conseguiu saber sobre a sorte dos rapazes, mostra isto que a subconsciência desta nada havia recebido pela telepatia sobre o drama. E de modo tanto mais evidente que, a esta prova negativa, sucedia a contraprova positiva, do médium que tudo revelava, desde que a influência dos dois mortos, contida no objeto, a tornou capaz de ir beber alhures as informações pedidas. De onde as havia ele tirado? A procurá-lo, seguindo o método científico de eliminação gradual das hipóteses insustentáveis, eis o que resultaria. O médium não podia tirar do canhenho fios elucidadores sobre o drama ocorrido depois que os dois rapazes tinham partido, para não mais voltarem e, por conseguinte, depois de, pela última vez, se haverem utilizado do canhenho indicador. A circunstância, a que me referi acima, mostra que o médium não as hauriu da subconsciência dos pais. Ele não as podia desentranhar da subconsciência de nenhuma pessoa viva, já que o naufrágio não teve testemunhas. Donde se segue que a "influência" contida no canhenho havia servido apenas para estabelecer o contato entre o médium e as personalidades desencarnadas daqueles que o tinham usado, conforme havia afirmado o médium em transe. Foi isso confirmado pelas comunicações medianímica, que se seguiram à análise psicométrica, pelas quais os filhos falecidos se manifestaram, através do médium, fornecendo novos detalhes sobre o drama, de que haviam sido vítimas e, entre estes, o do incidente autêntico e teoricamente muito importante, qual o de haver um tubarão mutilado o cadáver de um deles.

Tais são as deduções rigorosamente lógicas, que ressaltam dos fatos, e, como não existam a explicá-los hipóteses outras, devemos necessariamente concluir que esse terceiro exemplo contribui, com os demais, para demonstrar que, se analisarmos com um critério investigador mais penetrante os casos clássicos de pretendida "metagnomia", cuja gênese pareceria dever ser atribuída exclusivamente às faculdades supranormais da subconsciência humana, chegaremos, não raro, a conclusões nitidamente espíritas. E isso por circunstâncias certamente pouco nítidas e dificilmente notáveis, que são, todavia, teoricamente preciosas, visto não encontrarem explicação em nenhuma hipótese natural. É preciso que os nossos opositores o não esqueçam; é preciso, sobretudo, que Sudre disto se lembre sempre, mesmo porque, formalmente, o emprazo a tomar em consideração os episódios que acabo de expor, para depois refutar as conclusões a que cheguei, se lhe for possível a prebenda.

Os Animais Têm Alma?

Ernesto Bozzano

Aparição de animais em lugares assombrados

Não é certamente fácil determinar o que representam as aparições de formas animais nas manifestações de assombração. Às vezes, a produção delas coincide com o fato que animais semelhantes aos aparecidos tenham vivido no lugar. Nesses casos, as formas animais poderão ser explicadas seja pela hipótese da sobrevivência da psique animal, seja supondo uma projeção telepática do pensamento de um morto (tanto mais que, muitas vezes, os animais se manifestam de combinação com fantasmas de pessoas falecidas), seja ainda pela hipótese da revivescência psicométrica de acontecimentos que se produziram no local, na época. Mas, bastas vezes, não apenas não se verifica nenhuma coincidência que permita explicar a aparição animal por uma destas suposições, como pode-se mesmo excluir absolutamente que as formas animais, aparecidas em um lugar assombrado, correspondam, de um modo qualquer, a outros animais que viveram no lugar. Neste caso, a explicação popular dos fatos é que as aparições de animais representam espíritos de mortos que, tornando-se culpados por faltas graves, tomam, depois da morte, formas animais correspondentes à natureza das suas faltas. (*) Na minha obra *Les Phénomènes de Hantise* (III capítulo), citei um caso da aparição de um porco. A pessoa que conta esse fato diz que, tendo interrogado alguns pastores a respeito, esses explicaram que o "responsável pelos fatos era Tommy King, um farmacêutico que vivera cem anos antes e que se enforcara numa casa situada nos arredores e, desde então, o espírito do infeliz errava por aqueles lugares e ali aparecia sob a forma de um animal".

Sobre o assunto escrevi eu:

É a explicação popular sobre as aparições de animais em lugares assombrados e, embora seja ela puramente tradicional e gratuita, não é fácil substituí-la por outra menos gratuita e mais científica. Limitar-me-ei então a observar que, na obra do Dr. Justinus Kerner sobre "A Vidente de Prevorst", lê-se que a vidente, nas suas fases de sonambulismo, explicava da mesma maneira as aparições de animais. Assim, no capítulo VI (4º caso), a propósito de um "espírito baixo" que lhe aparecia, o Dr. Kerner escreveu: "No meu quarto, a aparição se renovou sob o aspecto de um urso". Adormecida, ela diz: "Agora eu vejo quanto a sua alma deve ser negra, pois que ele volta sob formas tão espantosas, mas é preciso que eu o reveja...". No 5º caso, a vidente em sonambulismo se dirige a um espírito e lhe pergunta se ele poderia manifestar-

se sob uma forma diferente da que tinha quando vivo, e o espírito respondeu: "Se eu tivesse vivido como uma besta eu deveria aparecer-lhe como tal. Nós não podemos, entretanto, tomar as formas que queremos e devemos aparecer-lhe tal como éramos em vida". E no capítulo IV: "o devasso pode aparecer sob a forma de um animal ao qual ele se assemelhe por sua maneira de viver..."

Ao contrário, eu observo que, entre os casos de assombração animal que reuni, há dois deles que sugerem uma explicação diferente, o que, aliás, não excluiria outra. Foram publicados no Journal of the S.P.R. (vol. XIII, págs. 58/62 e vol. XV, págs. 249/252). Trata-se das aparições de um cão e de uma gatinha com esta circunstância notável de que, onde apareciam, haviam morrido um cão e uma gatinha idênticos aos que se manifestavam. No que diz respeito à gatinha, a identificação foi ainda melhor estabelecida pelo fato da forma coxa, à imagem da gatinha, que fora, quando viva, aleijada por um cachorro. Encontra-se, aqui, diante de um autêntico caso de identificação, de modo que é possível deduzir daí que, se se chegar a acumular, em grande número, exemplos desta natureza, eles levarão à demonstração da sobrevivência da alma animal, possibilidade que não deveria certamente espantar.

Devo acrescentar agora, ao que escrevi na supracitada obra, que cheguei, com efeito, a reunir um certo número de fatos análogos aos quais acabei de fazer alusão e dos quais tratarei na VIII categoria. Eles contribuem para tornar provável se chegue um dia a demonstrar cientificamente a sobrevivência da psique animal. Isto não exclui, aliás, de modo algum, que as outras hipóteses indicadas há pouco não possam ser legítimas por sua vez e que elas devem, segundo as circunstâncias, ser levadas em consideração para a explicação de certas modalidades das formas animais. Mais ainda, tudo contribui para demonstrar que as hipóteses expostas acima explicam alguns dos casos pertencentes a esta categoria.

(*) Diz-se que as formas de mula-sem-cabeça e lobisomem, assombrações vistas no interior do Brasil, são, geralmente espíritos de pessoas más na Terra. Há casos de magia negra em que o espírito toma a forma de uma cobra preta e se enrola na perna da pessoa magiada. A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro possui, em seus arquivos, vários casos do gênero. (N.T.)

Visão e identificação de fantasmas de animais mortos

A categoria das percepções de fantasmas animais é ricamente cheia de episódios variados, mas, se se propuser encará-los sob um ponto de vista rigorosamente científico, é-se levado a concluir daí que os dois primeiros grupos são os mais abundantes em casos. O primeiro trata de visões de fantasmas de animais que não foram identificados com outros animais que viveram ou morreram recentemente nos arredores, visões que se pode muito facilmente explicar pela hipótese alucinatória, embora haja exemplos nos quais os fantasmas animais foram percebidos coletiva e sucessivamente por diferentes pessoas. O outro grupo de fantasmas animais a excluir é o das visualizações subjetivas obtidas por sensitivos clarividentes, visualizações que, pela maior parte, são devidas a um fenômeno de "clarividência telepática", isto é, à leitura do pensamento na subconsciência do consultante e isso em consequência da "relação" que se estabeleceu entre a subconsciência do sensitivo e a do consultante. É o que se produz, sob outra forma, no caso de "psicométrie" no qual o objeto apresentado ao sensitivo serve para estabelecer a "relação" entre a subconsciência deste último e a do proprietário do objeto, o que faz com que, diante da visão subjetiva do sensitivo, surjam imagens representando fatos e acontecimentos relacionados com o dono do objeto em questão e que constituem a representação mais ou menos simbólica dos informes colhidos pelo sensitivo da subconsciência do consulente. Segue-se daí que as visões de animais mortos, quando elas se verificam em condições que permitam atribuí-las à "clarividência telepática", não podem revestir um valor de provas de identificação animal, a menos que haja alguma circunstância secundária de natureza a corroborar esta última interpretação, circunstância que se produz bastas vezes nas consultas de que se trata, então não pode ser mais questão de "clarividência telepática" propriamente dita e sim de "clarividência-telepático-espírita". Este cruzar de manifestações semelhantes, com uma fonte diferente, contribui para mostrar o bom fundamento e a importância da lei Metapsíquica a que fizemos alusão anteriormente, lei segundo a qual todas as formas de vidência e de mediunidade podem ser alternativamente "anímicas" e "espíritas" e isto em consequência do fato essencial de que toda manifestação supranormal, que se produz por intermédio de um "espírito desencarnado", pode igualmente se produzir, por intermédio de um "espírito encarnado", quando este se acha em condições transitórias de desencarnação parcial do espírito, isto é, em condições leves ou profundas do sono fisiológico, sonambúlico, mediúnico ou por causa de uma crise de grave enfermidade, de síncope ou êxtase, Resulta daí que, em todas as formas de manifestações supranormais, são as circunstâncias em que os fatos se produzem que devem pôr-nos no rasto das causas pelas quais são eles engendrados e não as diferentes formas de vidência ou mediunidade graças às quais foram obtidos, pois estas são todas equivalentes já que são todas susceptíveis de serem "espíritas" ou "anímicas".

Chego agora à exposição dos casos recolhidos, começando por um episódio explicável pela "clarividência telepática" para citar, em seguida, casos sempre menos suscetíveis desta interpretação até chegar a exemplos para os quais ela deve ser absolutamente excluída.

Xenoglossia

Ernesto Bozzano

Isto disse a Sra. Finch. Do ponto de vista da rapidez com que, a princípio, lhes passavam por diante do olhar as visões dos caracteres e das frases em línguas que ela ignorava, cumpre se acentue a perfeita analogia que esse fato guarda com tudo quanto não descrevem muitos "psicômetras", relativamente às imagens dos sucessos de tempos idos, quando lhes passam pela visão subjetiva. Assim, por exemplo, diz em sua autoanálise Mrs. Elisabeth Denton, mulher do professor Denton, que, com Buchanan, descobriu as pesquisas psicométricas:

“Geralmente, as imagens me passavam diante do olhar como um panorama que se movesse com fulmínea velocidade. Em tais circunstâncias, nem mesmo os contornos dos objetos podia eu firmar, se bem fossem eles característicos. Era-me possível fazer observações parciais, mas o objeto fugia à minha atenção, muito antes que houvesse conseguido observá-lo. Daí resultou que por muito tempo considerei fragmentárias essas visões. Um dia, porém, aprendi que, com potente esforço da minha vontade, aquelas cenas fugacíssimas se deteriam. Reconheci então que não eram fragmentárias, que, naquele cenário, toda particularidade era precisa, perfeita e tão real, aparentemente, quanto os pormenores de uma paisagem terrena...”
(W. Denton, Nature's Secrets, pag. IV do Prefacio.)

Tais analogias entre as visualizações "psicométricas", simples variedade da clarividência no passado, e as visualizações dos caracteres gregos, por parte de Mrs. Finch, que se podem supor uma variedade da clarividência no presente (telestesia), se revelam interessantes, embora tudo concorra para fazer presumir que elas dizem respeito unicamente às modalidades com que se apresentam extrínsecas as visualizações supranormais, em geral, ao passarem do subconsciente ao consciente, modalidades que por ora se conservam misteriosíssimas, mas que, seja como for, não podem dar o fio da meada reveladora da gênese dos fenômenos.

E o prof. Richet está tão persuadido de que, por enquanto, é imperscrutável essa gênese, que, respondendo a Marcel Mangin, o qual formulara quatro hipóteses para explicação do caso em apreço, assim se exprimiu:

“As observações de Marcel Mangin, a propósito do caso de xenoglossia que relatei, apenas provam até que ponto nos achamos impotentes para fabricar hipóteses, porquanto as que ele aventou, embora demonstrem o engenho do autor, não são de natureza a constituir

eixo da discussão. Parece-me mais sábio declarar sinceramente: "Não sabemos, não compreendemos." (Annalles, 1905, pag. 602.)

E nessa prudente atitude persiste ele, mesmo no seu "Tratado de Metapsíquica", onde nenhuma hipótese propõe para explicação dos fatos, terminando com estas palavras e respectivo capítulo:

“Por ora, devemos limitar-nos... a considerar os fenômenos de xenoglossia quais raros e singulares assinalamentos que se acumulam a serviço da ciência Metapsíquica do futuro, isto é, de uma ciência cujas conclusões ninguém se acha apto a antecipar.”

Mecanismos da Mediunidade

Francisco Cândido Xavier – André Luiz

MECANISMO DA PSICOMETRIA – Expondo algumas anotações em torno da psicometria, considerada nos círculos medianímicos por faculdade de perceber o lado oculto do ambiente e de ler impressões e lembranças, ao contato de objetos e documentos, nos domínios da sensação a distância, não é demais traçar sintéticas observações acerca do pensamento, que varia de criatura para criatura, tanto quanto a expressão fisionômica e as marcas digitais.

Destacaremos, assim, que, em certos indivíduos, a onda mental a expandir-se, quando em regime de “circuito fechado”, na atenção profunda, carrega consigo agentes de percepção avançada, com capacidade de transportar as sentidos vulgares para além do corpo físico, no estado natural de vigília.

O fluido nervoso ou força psíquica, a desarticular-se dos centros vitais, incorpora-se aos raios de energia mental exteriorizados, neles configurando o campo de percepção que se deseje plasmar, segundo a dileção da vontade, conferindo ao Espírito novos poderes sensoriais.

Ainda aqui, o fenômeno pode ser apreendido, guardando-se por base de observação as experiências do hipnotismo comum, nas quais o sensitivo – muitas vezes pessoa em que a força nervosa está mais fracamente aderida ao carro fisiológico – deixa escapar com facilidade essa mesma força, que passa, de pronto, ao impacto espiritual do magnetizador.

O hipnotizado, na profundez da hipnose, pode, então, libertar a sensibilidade e a motricidade, transpondo as limitações conhecidas no cosmo físico.

Nestas ocorrências, sob a sugestão do magnetizador, o “sujet”, com a energia mental de que dispõe, desassocia o fluido nervoso de certas regiões do veículo carnal, passando a registrar sensações fora do corpo denso, em local sugerido pelo hipnotizador, ou impede que a mesma força circule em certo membro — um dos braços, por exemplo, — que se faz praticamente insensível enquanto perdure a experiência, até que, ao toque positivo da vontade

do magnetizador, ele mesmo reconduza o próprio pensamento revitalizante para o braço inerte, restituindo-lhe a energia psíquica temporariamente subtraída.

PSICOMETRIA E REFLEXO CONDICIONADO – Nas pessoas dotadas de forte sensibilidade basta o reflexo condicionado, por intermédio da oração ou da centralização de energia mental, para que, por si mesmas, desloquem mecanicamente a força nervosa correspondente a esse ou aquele centro vital do organismo fisiopsicossomático, entrando em relação com outros impérios vibratórios, dos quais extraem o material de suas observações psicométricas.

Aliás, é imperioso ponderar que semelhantes faculdades, plenamente evidenciadas nos portadores de sensibilidade mais extensamente extroversível, esboçam-se, de modo potencial, em todas as criaturas, através das sensações instintivas de simpatia ou antipatia com que se acolhem ou se repelem umas às outras, na permuta incessante de radiações.

Pela reflexão, cada Inteligência pressente, diante de outra, se está sendo defrontada por alguém favorável ou não à direção nobre ou deprimente que escolheu para a própria vida.

FUNÇÃO DO PSICÔMETRA – Clareando o assunto quanto possível, vamos encontrar no médium de psicometria a individualidade que consegue desarticular, de maneira automática, a força nervosa de certos núcleos, como, por exemplo, os da visão e da audição, transferindo-lhes a potencialidade para as próprias oscilações mentais.

Efetuada a transposição, temos a ideia de que o mediano possui olhos e ouvidos a distância do envoltório denso, crescendo, muitas vezes, a circunstância de que tal sensitivo, por auto decisão, não apenas desassocia os agentes psíquicos dos núcleos aludidos, mas também opera o desdobramento do corpo espiritual, em processo rápido, acompanhando o mapa que se lhe traça às ações no espaço e no tempo, com o que obtém, sem maiores embaraços, o montante de impressões e informações para os fins que se tenha em vista.

INTERDEPENDÊNCIA DO MÉDIUM – Como em qualquer atividade coletiva entre os homens, é forçoso convir que médium algum pode agir a sós, no plano complexo da psicometria.

Igualmente, aí, o sensitivo está como peça interdependente no mecanismo da ação.

E como é fartamente compreensível, se os companheiros desencarnados ou encarnados da operação a realizar não guardam entre si os ascendentes da harmonização necessária, claro está que a onda mental do instrumento mediúnico somente em circunstâncias muito especiais não se deixará influenciar pelos elementos discordantes, invalidando-se, desse modo, qualquer possibilidade de êxito nos tentames empreendidos.

Nesse campo, as formas-pensamentos adquirem fundamental importância, porque todo

objeto deliberadamente psicometrado já foi alvo de particularizada atenção.

Quem apresenta ao psicômetra um pertence de antepassados, na maioria das vezes já lhe invocou a memória e, com isso, quando não tenha atraído para o objeto o interesse afetivo, no Plano Espiritual, terá desenhado mentalmente os seus traços ou quadros alusivos às reminiscências de que disponha, estabelecendo, assim, recursos de indução para que as percepções ultras sensoriais do médium se lhe coloquem no campo vibratório correspondente.

CASO DE DESAPARECIMENTO

Noutro aspecto, imaginemos que determinado objeto seja conduzido ao sensitivo para ser psicometrado, com vistas a certos objetivos.

Para clarear a asserção, suponhamos que uma pessoa acaba de desaparecer do quadro doméstico, sem deixar vestígio. Buscas minuciosas são empreendidas sem resultado.

Lembra-se alguém de tomar-lhe um dos pertences de uso pessoal. Um lenço, por exemplo.

A recordação é submetida a exame de um médium que reside à longa distância, sem que informe algum lhe seja prestado.

O médium recolhe-se e, a breve tempo, voltando da profunda introspecção a que se entregou, descreve, com minúcias, a fisionomia e o caráter do proprietário, reporta-se ao desaparecimento dele, explana sobre pequeninos incidentes em torno do caso em lide, esclarece que o dono desencarnou, de repente, e informa o local em que o cadáver permanece.

Verifica-se a exatidão de todas as notas e, comumente, atribui-se ao psicômetra a autoria integral da descoberta.

Entretanto, analisado o episódio do Plano Espiritual, outras facetas ele revela à visão do observador.

Desencarnado o amigo a que aludimos, afeições que ele possuía na esfera extrafísica interessam-se em ajudá-lo, auxílio esse que se estende, naturalmente, à sua equipe doméstica. Pensamentos agoniados daqueles que ficaram e pensamentos ansiosos dos que residem na vanguarda do Espírito entrecruzam-se na procura movimentada.

Alguém sugere a remessa do lenço para investigações psicométricas e a solução aparece coroada de êxito.

Os encarnados veem habitualmente apenas o sensitivo que entrou em função, mas se esquecem, não raro, das Inteligências desencarnadas que se lhe incorporam a onda mental, fornecendo-lhe todos os avisos e instruções, atinentes ao feito.

AGENTES INDUZIDOS – Todos os objetos e ambientes psicometrado são, quase

sempre, francos mediadores entre a esfera física e a esfera extrafísica, à maneira de agentes fortemente induzidos, estabelecendo fatores de telementação entre os dois planos.

Nada difícil, portanto, entender que, ainda aí, prevalece o problema do merecimento e da companhia.

Se o consulente e o experimentador não se revestem de qualidades morais respeitáveis para o encontro do melhor a obter, podem carrear à presença do sensitivo elementos desencarnados menos afins com a tarefa superior a que se propõem, e, se o intermediário humano não está espiritualmente seguro, a consulta ou a experiência resulta em fracasso perfeitamente compreensível.

Nossas anotações, demonstrando o extenso campo da influência dos desencarnados, em todas as ocorrências da psicometria, não excluem, como é natural, o reconhecimento de que a matéria assinala sistemas de vibrações, criados pelos contatos com os homens e com os seres inferiores da Natureza, possibilitando as observações inabituais das pessoas dotadas de poderes sensoriais mais profundos, como por exemplo na visão, através de corpos opacos, na clarividência e na clariaudiência telementadas, na apreensão críptica da sensibilidade e nos diversos recursos radiestésicos que se filiam notadamente aos chamados fenômenos de telestesia.

Lázaro Redivivo

Francisco Cândido Xavier

Objetar-se-á, talvez, que existem nos dois planos pessoas que se consagram a esse gênero de investigações, com objetivo científico. A moderna psicometria, por exemplo, exige certas demonstrações, que auxiliam os menos convictos; mas, nesse setor, quase sempre, a realização é levada a efeito pelo próprio sensitivo, que se ausenta provisoriamente do corpo denso, revelando capacidades transcendentais da alma encarnada.

Li, algures, a história de um vidente moderno que passava por ser maravilhosamente verdadeiro. Certa vez, foi visitado por um homem que lhe pedia socorro para as aflições psíquicas. O cliente inquieto trazia consigo um quadro doloroso. Na existência passada, fora homicida e, no campo mental, embora a bênção do olvido no renascimento físico, estampava ainda a cena lamentável do pretérito delituoso. Desde a infância, em razão do resgate que deveria levar a efeito, era atormentado de pesadelos e tentações que pareciam sem termo. Davam-no os médicos por vítima de perturbações congênicas, e como não lhe solucionavam a questão angustiada recorreu ao sensitivo, sequioso de paz íntima. O médium, usando a sua faculdade de penetração noutros domínios vibratórios e sentindo-se vaidoso da franqueza que lhe era característica, movimentou o cabedal das apreciações próprias e falou-lhe abertamente

do que via. Sem o espírito da caridade construtora, concluiu o vidente loquaz que o quadro significava assassinato em futuro próximo, asseverando que o consulente mataria um homem. Retirou-se o enfermo d' alma em condições terríveis. Sugestionado pelo médium invigilante, passou a viver muito mais do passado criminoso, reconstituindo instintivamente as ideias sinistras de outra época. Deveria matar alguém e preparou-se para o horrível acontecimento. Correram os anos. Um, dois, três, quatro... O enfermo procurou eliminar diversos parentes e amigos sem resultado. Perdera o contato com o trabalho sadio. A ideia fixa do crime empolgava-o. Não dormia, alimentava-se mal e convertera-se em perigoso alienado, fora do hospício. A sua situação continuava angustiada quando, certa noite, encontrou um homem a meditar numa ponte solitária. Não teria chegado o momento? – pensou. Não lhe cabia assassinar um homem? Perturbado, aflito, precipitou-se sobre o desconhecido e apunhalou-o. Mais alguns instantes e aclarava-se a identidade do morto. O assassinado era o vidente, fornecedor do pensamento inicial do crime. A ideia, pequena e insignificante a princípio, desenvolvera-se, crescera e agira contra o seu próprio criador. Compreende você a responsabilidade dos que fazem conclusões precipitadas ou que adiantam informações prematuras? Responderemos por todas as imagens mentais que criamos nos cérebros alheios.

Natural, portanto, nosso retraimento em matéria de pareceres inoportunos e novidades sensacionais. A obra evolutiva de cada um de nós pede tempo e experiência.

Se você deseja cooperar nas fileiras do Espiritismo cristão, instrua-se no conhecimento da verdade e edifique-se na prática do bem, abstando-se de exigir o concurso dos seus amigos desencarnados, no campo do revelacionismo fácil. Divulgue, onde você vive e trabalha, a mensagem de boa-vontade e colaboração evangélica que a fé e o esforço próprio gravaram em seu coração. Quanto aos detratores e perseguidores vulgares, não lhes conceda o apreço que estão muito longe de merecer. Entregue-os à luz abençoada da consciência, porque o sofrimento e a morte se encarregarão de transformá-los, no instante oportuno.

Nos Domínios da Mediunidade

Francisco Cândido Xavier – André Luiz

O rápido curso de aprendizagem que vínhamos realizando atingia a sua fase final.

Áulus não dispunha de tempo para favorecer-nos com experiências mais amplas. Era um trabalhador comprometido em serviços diversos.

Embora isso compreendêssemos, Hilário e eu nos sentíamos algo melancólicos.

O Assistente, contudo, desenvolvia todas as possibilidades ao seu alcance para conservar-nos o entusiasmo habitual.

Atravessávamos ruas e praças, quando nos defrontamos com um museu, a que se

acolhiam alguns visitantes retardatários.

E o nosso orientador, como quem se dispunha a aproveitar as horas que nos restavam para dilatar observações e apontamentos, convidou-nos a entrar, exclamando:

– Numa instituição como esta, é possível realizar interessantíssimos estudos. Decerto, já ouviram referências à psicometria. Em boa expressão sinonímica, como o é usada na Psicologia experimental, significa “registro, apreciação da atividade intelectual”, entretanto, nos trabalhos mediúnicos, esta palavra designa a faculdade de ler impressões e recordações ao contato de objetos comuns.

Passamos por longo portal e, no interior do edifício, reparamos que muitas entidades desencarnadas iam e vinham, de mistura com as pessoas que anotavam utilidades de outro tempo, com crescente admiração.

– Muitos companheiros de mente fixa no pretérito frequentam casas como esta pelo simples prazer de rememorar... — comentou o Assistente.

Verifiquei que algumas preciosidades, excetuando-se uma que outra, estavam revestidas de fluidos opacos, que formavam uma massa acinzentada ou pardacenta, na qual transpareciam pontos luminosos.

Notando-me a curiosidade, o instrutor aclarou, benevolente:

– Todos os objetos que você vê emoldurados por substâncias fluídicas acham-se fortemente lembrados ou visitados por aqueles que as possuíam.

Não longe, havia curioso relógio, aureolado de luminosa faixa branquicenta.

Áulus recomendou-me tocá-lo e, quase instantaneamente, me assomou aos olhos mentais linda reunião familiar, em que venerando casal se entretinha a palestrar com quatro jovens em pleno viço primaveril.

Com aquele quadro vivo a destacar-se ante a minha visão interior, examinei o recinto agradável e digno. O mobiliário austríaco imprimia sobriedade e nobreza ao conjunto, que jarrões de flores e telas valiosas enfeitavam.

O relógio lá se encontrava, dominando o ambiente, do cimo de velha parede caprichosamente adornada.

Registrando-me a surpresa, o Assistente adiantou:

– Percebo a imagem sem o toque direto. O relógio pertenceu a respeitável família do século passado. Conserva as formas-pensamentos do casal que o adquiriu e que, de quando em quando, visita o museu para a alegria de recordar. É um objeto animado pelas reminiscências de seus antigos possuidores, reminiscências que se reavivam no tempo, através dos laços espirituais que ainda sustentam em torno do círculo afetivo que deixaram.

Hilário tateou a preciosidade e falou:

– Isso quer dizer que vemos imagens aqui impressas por eles, por intermédio de vibrações...

– Justamente – confirmou o orientador. – O relógio está envolvido pelas correntes mentais dos irmãos que ainda se apegam a ele, assim como o fio de cobre na condução da energia está sensibilizado pela corrente elétrica. Auscultando-o, na fase em que se encontra, relacionamo-nos, de imediato, com as recordações dos amigos que o estimam.

Hilário refletiu alguns momentos e observou:

– Então, se estivéssemos interessados em conhecer esses companheiros e encontrá-los, um objeto nessas condições seria um mediador para a realização de nossos desejos...

– Sim, perfeitamente – aprovou o instrutor —; usaríamos, para isso, alguma coisa em que a memória deles se concentra. Tudo o que se nos irradia do pensamento serve para facilitar essa ligação.

– Muito importante o estudo da força mental – considerei, sob forte impressão.

Áulus sorriu e comentou:

– O pensamento espalha nossas próprias emanções em toda parte a que se projeta. Deixamos vestígios espirituais, onde arremessamos os raios de nossa mente, assim como o animal deixa no próprio rastro o odor que lhe é característico, tornando-se, por esse motivo, facilmente abordável pela sensibilidade olfativa do cão. Quando libertados do corpo denso, aguçam-se nos os sentidos e, em razão disso, podemos atender, sem dificuldade, a esses fenômenos, dentro da esfera em que se nos limitam as possibilidades evolutivas.

– Somos, desse modo, induzidos a crer – considerou meu companheiro – que não dispomos de recursos para alcançar o pensamento daqueles que se fizeram superiores a nós...

– Sim, aqueles que atingiram uma elevação que não somos capazes de imaginar, remontaram a outros planos, transcendendo-nos o modo de expressão e de ser. O pensamento deles vibra em outra frequência. Naturalmente, podem acompanhar-nos e auxiliar-nos, porque é da Lei que o superior venha ao inferior quando queira, contudo, por nossa vez, não nos é facultado segui-los.

O Assistente refletiu um instante e prosseguiu:

– Simbolizemos, para discernir. O que ocorre, entre eles e nós, acontece entre nós e as seres que se nos localizam à retaguarda. Podemos, por exemplo, cuidar dos interesses das tribos primitivas ou retardadas, sem que elas consigam fazer o mesmo em nosso favor. Penetramos os costumes e conhecimentos da taba, sem que a taba entenda patavina de nosso edifício cultural. O pensamento nos condiciona ao círculo em que devemos ou merecemos viver e, só ao preço de esforço próprio ou de segura evolução, logramos aperfeiçoá-lo, superando limitações para fazê-lo librar em esferas superiores.

O Assistente fitou-nos com bondade e acrescentou:

– No entanto, evitemos digressões em desacordo com os nossos objetivos essenciais.

– Imaginemos – disse por minha vez – que nos propuséssemos fixar a atenção num exame mais circunstanciado. Poderíamos, assim, conhecer a história da matéria que serve à formação do relógio que analisamos?

– Sem dúvida. Isso demandaria mais trabalho, mais tempo, contudo, é iniciativa perfeitamente viável.

– Cada objeto, então – concluiu Hilário –, pode ser um mediador para entrarmos em relação com as pessoas que se interessam por ele e um registro de fatos da Natureza...

– Sem mais nem menos – confirmou Áulus, seguro de si –; não podemos esquecer que o

paleontologista pode reconstituir determinadas peças da fauna pré-histórica por um simples osso encontrado a esmo. Quando se nos apura a sensibilidade de maneira mais intensiva, em simples objetos relegados ao abandono podemos surpreender expressivos traços das pessoas que os retiveram ou dos sucessos de que foram testemunhas, através das vibrações que eles guardam consigo.

E, num sorriso, ajuntou:

– As almas e as coisas, cada qual na posição em que se situam, algo conservam do tempo

e do espaço, que são eternos na memória da vida.

Logo após, detivemo-nos a estudar primorosa tela do século XVIII, que não apresentava qualquer sinal de moldura fluídica.

Efetivamente, era uma preciosidade isolada.

Por ela, não nos foi possível estabelecer qualquer contato espiritual de natureza exterior.

Áulus assumiu a atitude do professor benevolente que lhe era peculiar e explicou:

– Pesquisado mais intimamente, este quadro será interessante registro, oferecendo-nos

informações acerca dos ingredientes que o constituem, entretanto, não funciona como “mediador de relações espirituais”, por achar-se plenamente esquecido pelo autor e por aqueles que provavelmente o possuíram...

Avançamos mais além.

Ao lado de extensa galeria, dois cavalheiros e três damas admiravam singular espelho, junto do qual se mantinha uma jovem desencarnada com expressão de grande tristeza.

Uma das senhoras teve palavras elogiosas para a beleza da moldura, e a moça, na feição

de sentinela irritada, aproximou-se tateando-lhe os ombros.

A matrona tremeu, involuntariamente, sob inesperado calafrio, e falou para os companheiros:

– Aqui há um estranho sopro de câmara funerária. É melhor que saíamos...

Confiou-se o grupo a manifestações de bom-humor e retirou-se, acompanhando-a noutra rumo.

A entidade, que não nos assinalava a intromissão, pareceu-nos contente com a solidão e passou a contemplar o espelho, sob estranha fascinação.

Áulus acariciou-a, de leve, tocou o objeto com atenção e comentou:

– Anotaram o fenômeno? Do pequeno conjunto de visitantes, a irmã que registrou a

aproximação da jovem, sob nosso exame, é portadora de notável sensibilidade mediúnica. Se educasse as suas forças e sondasse o espelho, entraria em relação imediata com a moça que ainda se apega a ele desvairadamente. Receber-lhe-ia as confidências, conhecer-lhe-ia o drama íntimo, porque imediatamente lhe assimilaria a onda mental, senhoreando-lhe as imagens...

Hilário, incapaz de soffrear a curiosidade que nos esfogueava o cérebro, indagou sobre

a moça. Que fazia ali, naquele túmulo de recordações? por que se interessava, com tanta ânsia, por um simples espelho, sem maior significação?

O Assistente, como quem já esperava por nosso inquirido, respondeu sem pestanejar:

– Toquei o objeto para informar-me. Este espelho originalíssimo foi confiado à jovem por

um rapaz que lhe prometeu casamento. Vejo-lhe a figura romântica nas reminiscências dela. Era filho de franceses asilados no Brasil, ao tempo da França Revolucionária de 1791. Menino, ainda, aportou no Rio e aí cresceu e se fez homem. Encontrou-a e conquistou-lhe o coração. Quando arquitetavam projetos de casamento, depois da mais íntima ligação afetiva, a família estrangeira, animada com os sucessos de Napoleão, na Europa, deliberou o retorno a pátria. O moço pareceu desolado, mas não desacatou a ordem paterna. Despediu-se da noiva e lhe implorou guardasse a peça como lembrança, até que pudesse voltar, e serem então felizes para sempre... Contudo, distraído na França pelos encantos de outra mulher, não mais regressou... Depressa esqueceu responsabilidades e compromissos, tornando-se diferente. A pobrezinha, no entanto, fixou-se na promessa ouvida e continua a esperá-lo. O espelho é o penhor de sua felicidade. Imagino a longa viagem que terá feito no tempo, vigiando-o como sendo propriedade sua, até que a lembrança viesse por fim repousar no museu.

– O assunto – aventei, preocupado – compele-nos a refletir sobre as antigas histórias de joias enfeitiçadas...

– Sim, sim – ponderou o Assistente –, a influência não precede das joias, mas sim das

forças que as acompanham.

Hilário, que meditava a lição maduramente, considerou:

– Se alguém pudesse adquirir a peça e conduzi-la consigo...

– Decerto – atalhou o instrutor – arcaria também com a presença da moça desencarnada.

– E isso seria justo?

Áulus esboçou leve sorriso e obtemperou:

– Hilário, a vida nunca se engana. É provável que alguém apareça por aqui e se extasie à

frente do objeto, disputando-lhe a posse.

– Quem?

– O moço que empenhou a palavra, provocando a fixação mental dessa pobre criatura, ou a mulher que o afastou dos compromissos assumidos. Reencarnados, hoje ou amanhã, possivelmente um dia virão até aqui, tomando-a por filha ou companheira, no resgate do débito contraído.

– Mas não podemos aceitar a hipótese de a jovem desencarnada ser atraída por algum

círculo de cura, desembaraçando-se da perturbação de que é vítima?

– Sim – concordou o orientador – isso é também possível; entretanto, examinada a harmonia da Lei, o reencontro do trio é inevitável. Todos os problemas criados por nós não serão resolvidos senão por nós mesmos.

A conversação era preciosa, contudo, a responsabilidade impelia-nos para diante.

De saída, renteamos com o gabinete em que funcionava a direção da casa.

Vendo duas cadeiras vagas, junto à pequena mesa de trabalho, meu colega consultou,

com o evidente intuito de completar a lição:

– Creio que os móveis sob nossa vista são utilizados por auxiliares da administração do

museu... Se nos sentarmos neles, poderemos entrar em relação com as pessoas que habitualmente as ocupam?

– Sim, se desejarmos esse tipo de experiência – informou o orientador.

– E em nos referindo aos encarnados? – prosseguiu Hilário. – Qualquer pessoa, em se

servindo de objetos pertencentes a outros, tais como vestuários, leitos ou adornos, pode sentir os reflexos daqueles que os usaram?

– Perfeitamente. Contudo, para que os registrem devem ser portadores de aguçada sensibilidade psíquica. As marcas de nossa individualidade vibram onde vivemos e, por elas, provocamos o bem ou o mal naqueles que entram em contato conosco.

– E tudo o que observamos é mediunidade?!...

– Sim, apesar de os fatos dessa ordem serem arrolados, por experimentadores do mundo científico, sob denominações diversas, entre elas a “criptestesia pragmática”, a “metagnomia tátil”, a “telestesia”.

E, tomando-nos a dianteira para o retorno à via pública, rematou:

– Em tudo, vemos integração, afinidade, sintonia... E de uma coisa não tenhamos dúvida: através do pensamento, comungamos uns com os outros, em plena vida universal.

A Reencarnação

Gabriel Delanne

Reminiscências que parecem provocadas pela visão de certos lugares

Sabe-se que existem pessoas chamadas psicômetras, que têm a faculdade de reconstituir cenas do passado quando se lhes põe nas mãos um objeto qualquer, que teria sido associado àquelas cenas.

Uma pedra de um sarcófago egípcio, por exemplo, evoca a ideia do Egito e de cenas funerárias que ali se desenrolaram.

Parece que, em condições particulares, quando certas pessoas reconhecem, repentinamente, cidades ou regiões que nunca viram, esses novos lugares exercem sobre elas uma ação análoga à experimentada pelos psicômetras, mas com a diferença de que são lembranças íntimas que se evocam, absolutamente pessoais. É uma forma particular da renovação do passado, que se apresenta frequentemente, por maneira a atrair seriamente a atenção.

Eis alguns exemplos interessantes, ligados diretamente a nosso estudo. Cito em primeiro lugar a narrativa do Major Wellesley Tudor Pole. ("Pearson Magazine", agosto de 1919.)

Visões retrospectivas

“O Major Wellesley Tudor narra a impressão profunda que sentiu, visitando o templo de Karnak, no Egito. Este lhe pareceu saturado de uma atmosfera mística e de fluidos magnéticos.

Viu ele retratar-se-lhe diante dos olhos uma antiga procissão dos sacerdotes do Amon-Rá.

Um em particular, diz ele, atraiu a minha atenção; era louro, com olhos azuis, e diferia completamente de seus companheiros.

Esse indivíduo parecia familiar ao major. Não sei por que – declara o major –, via passar a procissão, que torneava o pilar quebrado onde nos tínhamos colocado, e meus olhos eram sempre atraídos pelo padre de cabelos louros. Quando ficou diante de mim, estendeu os braços em minha direção, e tive a impressão de que ele era eu mesmo. Veio-me a certeza, e tornei-me inconsciente do que me rodeava. O resto da visão não nos interessa mais.”

Parecerá, por esta descrição, que o Major Wellesley teve uma espécie de alucinação retrospectiva, a qual lhe permitiu reconhecer-se em um dos antigos sacerdotes do templo. A ação psicométrica do meio é aqui muito provável. O mesmo se dá com os dois casos seguintes. (De Rochas, "Les Vies Successives", pag. 314.)

Um clérigo

“Há uma dezena de anos, visitei Roma pela primeira vez. Em muitas ocasiões, fui tomado,

na cidade, por uma onda de reconhecimentos. As Termas de Caracala, a Via Ápia, as catacumbas de S. Calisto, o Coliseu, tudo me parecia familiar. Parece evidente a causa; renovava-se o conhecimento do que eu tinha visto nos quadros, nas fotografias. Isto pode ser explicado no que toca aos edifícios, não, porém, no que diz respeito aos labirintos obscuros, aos subterrâneos das catacumbas.

Alguns dias mais tarde fui a Tívoli. Ainda aí a localidade me foi familiar, como o teria sido em minha própria paróquia. Por uma torrente de palavras, que me subiam espontaneamente aos lábios, descrevi o lugar, tal como ele era nos antigos tempos. Nunca lera nada, entretanto, a respeito de Tívoli; nunca vira gravuras que o representassem; conhecia sua existência, apenas, de alguns dias, e achava-me, no entanto, servindo de guia e historiador a um grupo de amigos, os quais concluíram que eu havia feito um estudo especial do lugar e seus arredores.

Em seguida, a visão do meu Espírito começou a enfraquecer. Parei como um colegial que esqueceu o tema, e não pude dizer mais nada. Foi como um mosaico que tivesse caído aos pedaços.

Em outra ocasião, encontrei-me com um companheiro, nos arredores de Leatherhead, onde, até então, nunca pusera os pés. A região era inteiramente nova, tanto para mim, como para meu amigo. No curso da palestra, observou este:

– Dizem que há uma antiga estrada romana, em alguma parte destas paragens, mas ignoro se se encontra deste lado de Leatherhead ou do outro.

– Respondi logo:

– Sei onde ela está.

E mostrei-a a meu amigo, absolutamente convencido de que a tinha encontrado, o que de fato sucedeu.

Tinha a sensação de me haver achado outrora nesse mesmo caminho, a cavalo, coberto de uma armadura. Esses episódios fazem-me falar sobre o assunto, com amigos, e grande número deles me declaram que já experimentaram sensações idênticas.

A três milhas e meia, a oeste do lugar onde moro, encontra-se uma fortaleza romana, em estado quase perfeito de conservação.

Um eclesiástico que veio visitar-me, desejou ver essas ruínas. Disse-me ter a lembrança clara de haver vivido nesse lugar, onde fora investido de um cargo de caráter sacerdotal, no tempo da ocupação romana. Impressionou-me a sua insistência em visitar uma torre, que caíra, sem perder a forma. Havia um buraco no ápice — acrescentava ele —, no qual se costumava colocar um mastro, e aí os archeiros se faziam içar em uma espécie de barquinha, protegida com couro; de lá podiam ver os chefes gorlestonianos entre seus homens e atirar contra eles. Achamos, com efeito, o buraco indicado.”

Curiosa coincidência

Lê-se na “Light”, de 1916, pag. 374, a narrativa seguinte, que lhe foi transmitida por uma revista mensal – “A Londrina”. Esta última declara que a narrativa é de primeira mão e autêntica.

“A... é um artista romano, muito conhecido, que durante a última guerra residia em Roma. Pertence a uma antiga família e ocupava um posto elevado na legação de seu país.

Alistou-se em um Regimento de Cavalaria.

Um dia, em que estava em manobras no Condado de Berkshire, cavalgava ao lado do capitão e subia áspera colina, cujo aspecto lhe era como que vagamente familiar, o que disse ao capitão.

– Conhece, pois, a região? – perguntou-lhe este.

– Não – respondeu A... —, nunca vim a Berkshire, mas, não sei por que, parece que conheço esta colina e mesmo a que está situada além. Sei que há, ainda, uma pequena montanha, em forma de cone, e coroada por um bosquezinho. Em seguida o terreno desce rapidamente e vai ter a um plano nivelado.

– É exato – declarou o capitão, que era natural de Berkshire – e desejo saber

como você podia saber isto, pois que nada se pode ver daqui.

Depois, mudou a conversa e A... esqueceu o incidente.

No ano seguinte, fizeram-se escavações no ápice da colina e aí descobriram um monumento de pedra, que trazia uma inscrição em memória da Segunda Legião daciana. Os dácios eram súditos dos romanos quando estes ocuparam a Grã-Bretanha. Liam-se na pedra os nomes dos que ali tombaram. Entre estes encontrava-se o de um antepassado de A... A inscrição era em latim.

Simple coincidência que permitiria a A..., do primeiro golpe de vista, descrever a paisagem que lhe era desconhecida, e que ainda estava oculta a seus olhares, ou se trata de um caso de reminiscência, espécie de olhar lançado para trás, através dos séculos?

Eu dei – diz o narrador – os nomes exatos aos diretores da revista, mas não estou autorizado a reproduzi-los."

Reminiscência ou clarividência

Em seguida ao inquérito a que procedi, recebi da Sra. Matilde de Krapkoff, que tenho o prazer de conhecer pessoalmente, a narrativa seguinte:

"Na deliciosa primavera de 1893, meu marido e eu desembarcamos em Jalta, na Criméia, para ir daí a Livaldia, onde estava a Corte russa. Dirigiamo-nos para a casa de meu cunhado, que tinha posto junto ao Imperador. Eu havia, alguns dias antes, passado, pela primeira vez, a fronteira russa em Volodschick. Acabava de casar-me, um tanto contra a vontade de minha mãe, pesarosa por me ver partir para tão longe, com um jovem russo de família nobre, e eu sentia-me atraída, de modo inexplicável, para essa longínqua Rússia, tão diferente do berço natal. Lera tudo o que pudera encontrar, a fim de informar-me a seu respeito, e vivia com as heroínas de Tolstoi, de Tourguenieff; extasiava-me com os nomes patronímicos acrescentados ao prenome. Dizia comigo: – Lá serei Matilde Iossifoura. Que prazer quando encontrei aquele que devia ser meu marido e que me chamou assim! Compreendi que meu destino se realizava, e estava deslumbrada pela felicidade de ir, enfim, para o país encantado dos meus sonhos.

Como me batia o coração ao aproximar-me do marco limítrofe que designava os lindes da existência tão desejada! As tristes cores, preta e branca, pareciam-me irradiar com os mais brilhantes raios, e quando todos, em torno de mim, falavam a doce língua russa, acreditei reconhecê-la. Perguntava avidamente a significação de cada palavra, que me parecia reaprender, e com muita facilidade.

Chegando a Odessa, nada me espantou, sentia-me em minha casa, e, ao desembarcar em Jalta, não era uma francesa ávida de novidades, senão uma aborígene feliz por ter vindo, enfim, passar uns dias nas belas plagas da Criméia.

Meu cunhado, por me fazer conhecer as imensas florestas do interior, organizou uma pequena cavalgada. Na véspera da partida, não cabia em mim de alegria; todo o meu ser como que se projetava para essa região que ia percorrer. Era um sentimento estranho, diferente do que experimentei com minha chegada à Rússia, mais irresistível, mais poderoso. Desde as primeiras horas, meus olhos haviam sido atraídos, como por um mágico imã, para a massa sombria dos bosques.

A noite pareceu-me interminável. Enfim, surgiu a aurora radiosa, e nossa caravana se pôs em marcha, comboiada por dois guias tártaros, que conheciam bem a região.

Passeamos, durante horas, sob essa floresta majestosa, ora suspensos dos imensos panoramas de oceanos de verdura, ora mergulhados nos vales sombrios, onde as árvores se erguiam, grandiosas, entrecruzando a ramaria.

Tínhamos feito muitas paradas, mas, para a tarde, como cavalos e cavaleiros estivessem fatigados, seguimos docilmente os guias, no caminho de retorno.

Essa jornada foi inefável. Transbordava-me o coração com mil sentimentos confusos; meu espírito parecia correr para novos caminhos, para um desconhecido pressentido. Íamos sempre para a frente, mas os guias começavam a manifestar inquietação, pesquisando à direita e à esquerda, inspecionando os bosques densos. Eis que nos fazem parar, e declaram que perderam a rota. As veredas se tornam confusas, e eles não sabem qual tomar. Consternação geral; furor de alguns. É já tarde. Como circular, à noite, nessas sombrias florestas que parecem não ter limites?

Meu marido vem tranquilizar-me, mas me encontra calma; sinto que sei onde estamos. Dir-se-ia que outro ser complementar entrou em mim, e que esse duplo conhece o lugar. Gravemente, declaro que todos devem sossegar, que não estamos perdidos, que é só tomar a atalho à esquerda e segui-lo; que ele nos levará a uma clareira, ao fundo da qual, por trás de umas árvores, há uma aldeia meio tártara, meio russa. Eu a vejo; suas casas erguem-se

em torno de uma praça quadrada; no fundo, há um pórtico sustentado por elegantes colunas de estilo bizantino. Sob esse pórtico, bela fonte de mármore, e, atrás, os degraus de uma casa antiga, com janelinhas de caixilhos, tudo encantador de antiguidade. Parei. Falara rapidamente, com segurança. A visão era em mim nítida, precisa. Vi já tudo isso, muitas vezes, parece-me. Todos me rodeiam e olham com espanto; que singular gracejo! Isso lhes parece fora de propósito, mas essas francesas...

Devia estar pálida; fiquei gelada. Meu marido me examina com inquietação, mas eu repito alto:

– Sim, tudo está certo e vocês vão ver.

Torço as rédeas para o atalho à esquerda. Como me tratam qual uma criança querida, e os guias, acabrunhados, se acham sentados no chão, seguem-me, um tanto maquinalmente, sem cuidarem do que se passa.

O quadro evocado está sempre em mim, eu o vejo e sinto-me calma. Meu marido, perturbado, diz ao irmão:

Minha mulher pode ter o dom da segunda vista, e uma vez que estamos perdidos, vamos com ela.

Robustecida pela sua aprovação, meto-me pelas matas, que cada vez se adensam menos, e corto pelo bosque, tanta é a impaciência de chegar. Ninguém fala; a bruma se eleva e nada faz pressentir uma clareira, mas eu sei que ela está lá, bem diante de nós, e prossigo a marcha. Estendo, enfim, o braço, e com o chicote aponto para a clareira, palavra mágica. Há exclamações, todos se apressam; é uma clareira, mais comprida que larga; veem-na entre a penumbra; o fundo perde-se na bruma, mas os cavalos, também eles, parecem sentir que estamos prestes a chegar, galopam, e vamos dar com grandes árvores, sob as quais penetramos.

Estou fora de mim, projetada para o que quero ver. Um último véu se desprende. Vejo uma fraca luz e, ao mesmo tempo, uma voz murmura, não ao meu ouvido, mas a meu coração:

— Marina, ó Marina, eis que voltas. Tua fonte rumoreja ainda, tua casa está sempre lá.

Sê bem-vinda, cara Marina.

Ah, que comoção, que alegria sobre-humana!

Jaz ali tudo diante de mim, o pórtico, a fonte, a casa. É demais; cambaleio e caio, mas meu marido logo me apanha e coloca docemente sobre esta terra, que é minha, perto de minha doce fonte. Como descrever meu enlevo? Estou prostrada pela emoção; caio em soluços. Sombras aparecem; fala-se russo, tártaro. Levam-me para a casa; minhas pernas claudicantes

sobem os degraus. O coração se me confrange, ao atravessar-lhe os umbrais. Depois, de repente, à ficção substitui-se a realidade; vejo um quarto desconhecido, objetos estranhos; a sombra de Marina apaga-se; não saberei jamais quem ela foi; nem quando viveu, mas sei que estava aqui; que morreu jovem. Sinto-o, estou certa...

Meu marido faz-me beber um chá quente; todos os companheiros sentam-se em torno de mim, querem saber como adivinhei, como vi, mas não explico coisa alguma, a não ser a meu marido. Ninguém saberá o segredo de Marina, e eu me sinto tão bem nesta doce casa, onde respiro o ar do outro mundo! Nunca tive tal bem-estar; estou leve, feliz.

Fazem-se as acomodações para a noite, como é possível. Sento-me à soleira da porta e peço a meu marido que pergunte a quem pertence a casa e quem nela viveu. Não se descobre grande coisa; a casa pertenceu a um polonês, descendente, dizia-se, de uma família exilada. Os antigos lembram-se dele; morreu muito velho e só. Veio um parente; a casa, muito arruinada, foi vendida; o herdeiro voltou. Repararam-na, e é agora o chefe da aldeia, o estaroste, quem a habita com a família; e não saberei mais nada, a não ser que eu, Marina, aqui vivi. Meus olhos contemplaram essa cortina de belas árvores, o murmúrio da fonte embalou meus sonhos, a doce casa me abrigou. Os perfumes da noite quente da primavera parecem envolver-me e escuto, intensamente, em êxtase, essa divina elegia, o murmúrio da fonte, a voz do rouxinol, o doce rumor da brisa nos ramos. A essa harmonia celeste, meu coração enternece, e, no fundo do meu ser, uma voz longínqua, doce e enfraquecida, mas penetrante, repete: Marina!

Muitos anos se passaram depois desta viagem radiosa; vivi-os na Rússia, nesse país dos

meus sonhos, que não me iludiu, porque eu fui aí muito feliz e sempre me senti em casa.

Aprendi o russo e o polonês com facilidade surpreendente.

Devo acrescentar que nunca mais me sucedeu, na Rússia, nada semelhante ao que acabo

de descrever, com toda a sinceridade, e de que sempre guardei a mais viva, a mais deliciosa lembrança. Estudei; sei, agora, que não me enganava, e que Marina e eu não fazíamos mais do que uma só Matilde de Krapkoff.

Paris, 2 de julho de 1922."

Essa narrativa nos põe em presença de um desses casos ambíguos, em que hesitamos no

pronunciar-nos de maneira categórica, entre a explicação pela clarividência e a das lembranças de uma vida anterior; entretanto, parece que a última explicação é aqui a mais verossímil, e é esta a razão por que transcrevi o relato da Sra. Matilde.

Vejamos outro exemplo de reconhecimento de lugares, onde é provável que o narrador

tenha vivido anteriormente. Nada leva a crer que as visões claras que ele teve, durante a infância, fossem reminiscências de uma vista clarividente, que nenhuma causa teria podido determinar. (78)

“Em minha primeira infância, era inclinado a sonhos, como o são muitas crianças de imaginação ativa.

Duas cenas me perturbaram mais de cem vezes; estou bem certo delas, ainda que, tornando-me homem, elas se apagassem e fossem interpretadas como sonhos de criança. Vou descrevê-las.

Uma grande aldeia estendia-se ao norte de uma planície ondulada, e terrenos cobertos de mato se encontravam por detrás; à frente havia uns regatos cortados por uma ponte. Isto se apresentava como que visto do alto de uma colina. Existia na aldeia uma igreja; uma estrada estendia-se ao norte, e via-se um parque a leste. Pensei nessa aldeia mais de cem vezes e povoei-a com pessoas imaginárias, cheias de bizarras aventuras, como o fazem as crianças. Em seguida, quando me tornei aluno em Oxford, minha mãe sugeriu-me que fosse visitar Adderburg, frequentemente habitada por minha família desde 1800, e onde ela passou parte de sua existência, com um tio que aí morava. Disse-me ainda que fosse ver a velha praça, cheia de suas lembranças de criança.

Fiz a viagem num dia de inverno. Cheguei a uma colina baixa, e lá, diante de mim, estavam quase exatamente reconstituídas as cenas de meus sonhos de criança: a grande aldeia, o pequeno rio, o bosque e a igreja. Minha mãe nunca me descreveu Adderburg. É curioso que, tendo passado a meninice no Condado de Devon, concebesse uma aldeia típica e real de Oxfordshire, que não se assemelhava, de forma alguma, à aldeia em que vivi em minha infância.

Outra cena foi mais interessante ainda e mais persistente: era uma grande aldeia perto do mar, orientada para o Este. A colina sobre que está edificada é muito abrupta, e de tal forma que as ruas são constituídas por escadas. As casas são sobrepostas. Ao alto se acha um terreno com mato. Sonhei sempre que habitava aí, numa casa situada ao Norte. Sonhava de dia, centenas de vezes, com essa aldeia, esses degraus, essas casas de terraço, dando para o mar azul. Minha morada era sempre ao Norte, um pouco no interior das terras. Até o mês de julho findo, nunca vira, em todas as minhas viagens, um lugar semelhante àquele que eu via em sonho.

Pediram-me, certa vez, que visitasse Clovely, ao norte do Condado de Devon, onde por muito tempo habitaram meus antepassados; minha bisavó era uma Cary.

Com grande espanto, vi os terraços, a colina abrupta, os degraus descendo para o mar, e, para os lados do Este e do Norte, a casa dos Carys, onde, durante séculos, habitaram meus antepassados.

Vi na igreja sete túmulos da família Cary.

Clovely é descrita em Westward, que eu li somente há alguns anos, pela primeira vez. A semelhança dessa descrição, com a minha visão, nunca me chamou a atenção.”

Vamos encontrar, no capítulo seguinte, narrativas nas quais a reminiscência é acompanhada de circunstâncias que permitem supor acharmo-nos em presença de lembranças reais de vidas passadas.

(78) Proceedings da S. P. R.

Resumo da Doutrina Espírita

Gustave

Geley *Hilognosia* – percepção de corpos inacessíveis aos sentidos, ignorados ou perdidos. Termo equivalente a *psicometria*, *metagnomia*, *telestesia*, *criptestesia*, *clarividência*, *lucidez*, *dupla vista* (Veja-se *hiloscopia*).

Psicometria - Termo criado por Buchanan, pseudônimo da esposa do geólogo norte-americano Denton, para designar os fenômenos que obteve de reconstituição de paisagens das épocas remotas da evolução terrestre, cujas descrições eram evocadas pela observação e pelo contato de fragmentos de terrenos daquelas épocas geológicas. Embora a imaginação tivesse desempenhado aqui um papel preponderante, o certo é que outros sensitivos têm conseguido reconstituir fielmente certas cenas passadas, limitando-se a tocar em objetos que com elas se relacionam. Richet propõe para estes fenômenos o nome de *criptestesia pragmática*. Na psicometria é frequentemente incluída também *a clarividência e a lucidez*.

Alquimia da Mente

Hermínio C. Miranda

Annie Besant acha que tudo quanto fazemos, dizemos e pensamos grava-se no cosmos e não especificamente em nós, numa espécie de compartimento cósmico reservado para uso pessoal de cada ser vivo, como esses armários coletivos de ginásios esportivos e colégios, do qual cada um tem o seu espaço e a chave. Ao que tudo indica, tal armário cósmico seria, contudo, estruturado em matéria imponderável ou, para dizer a mesma coisa de outra maneira,

em campos energéticos. Imagino isso a fim de conseguir encaixar nessa realidade o enigmático conceito dos registros acásicos de que nos falam tantos autores e instrutores espirituais. São nesses registros que estariam documentados atos, pensamentos e até intenções de toda a humanidade em todos os tempos, aspecto que se pode documentar com a realidade da psicometria, por exemplo. Edgar Cayce, e outros sensitivos o têm igualmente demonstrado, parecia ter à sua disposição não apenas os arquivos individuais de seus consulentes, como os da história, dos povos, das raças, do mundo, enfim.

Recebida a instrução de procurar os registros de determinada pessoa, ele ficava por momentos em silêncio, a consultar algum terminal do imenso computador cósmico e, de repente, dizia: "— Yes, we

have the body", ou seja, "— Sim, aqui temos o corpo." (Body era o seu termo para entidade, ser humano, pessoa.) Daí partia para as "leituras", nas quais colhia os elementos necessários à sua avaliação dos problemas pessoais do consulente, seguida de uma proposta terapêutica, orgânica, psíquica ou, mais frequentemente, psicofísica, dado que o corpo deve ser tratado juntamente com o psiquismo.

Ele tinha, portanto, acesso aos dados pessoais de qualquer pessoa que lhe fosse indicada. O que demonstra, em tese, que, sob condições especiais, nossos arquivos cósmicos podem ser consultados por outrem. Isso parece igualmente confirmado por testemunhos de seres espirituais que nos garantem a impraticabilidade de esconder suas próprias mazelas espirituais, seus crimes e desacertos, em suma, seu nível ético e grau na escala evolutiva. O "falecido" coronel T. E. Lawrence — o lendário Lawrence da Arábia — dá-nos um dramático depoimento desses através da médium inglesa Jane Sherwood, no livro intitulado *Post-mortem journal*. Pode-se observar, nesse documento, que a entidade espiritual que, em vida, fora Lawrence da Arábia ali estava, no mundo póstumo, exposta por inteira, tanto em sua história pregressa, quanto no atual estado de seu ser, suas decepções, surpresas, perplexidades, intenções e até nos mais secretos propósitos. Nada parecia oculto ou ocultável à entidade que se apresentou para ajudá-la na sua dramática situação de desarmonia.

Os misteriosos mecanismos da psicometria também demonstram a existência de indivíduos dotados de certos sensores psíquicos que lhes proporcionam acesso àqueles registros que parecem abrir-se por inteiro ao exame dessas pessoas. O leitor interessado pode conferir isso na obra *Enigmas da Psicometria*, do pesquisador italiano Ernesto Bozzano e, se tiver bastante sorte e persistência, talvez tenha acesso a dois raríssimos livros de pesquisa, publicados no século passado, nos Estados Unidos, por Rhodes Buchanan, *Manual of Psychometry*, em 1885, e por William Denton, *The Soul of Things*, em 1873. Eu disse sorte e

persistência e repito. Como tive apenas a sorte, consegui ler um deles, em 1986, encontrado na coleção de obras raras da Duke University, na Carolina do Norte. Valeu a pena, posso garantir.

Daí por que proponho cortar o prefixo negativo in, na expressão inconsciente coletivo, cunhada pelo Dr. Jung. O campo magnético supersensível que registra, em suas últimas minúcias, tudo o que se passa naquilo a que chamei, em A Memória e o Tempo, a memória de Deus não deve ficar rotulado como inconsciente.

Precisamos, contudo, retomar o aspecto particular da interface dos hemisférios cerebrais. Para não alongar demais este módulo, proponho encerrarmos este capítulo e continuar a conversa no seguinte. Combinado?

O Que É Fenômeno Mediúnico

Hermínio C. Miranda

Embora a psicometria tenha sido habitualmente classificada como fenômeno mediúnico, tenho minhas dúvidas a respeito.

Para ser franco não gosto do termo, de vez que, nos seus componentes gregos, quer dizer algo como medição da alma, e não há mínima condição de que isso ocorra, pelo menos neste fenômeno. Infelizmente a palavra “pegou” e seria difícil mudá-la hoje. O Prof. Nandor Fodor (37), apresenta a definição proposta pela Sra. Hester Dowden para o fenômeno e que traduzo a seguir:

– Psicometria – faculdade psíquica possuída por certos indivíduos e que lhes permite adivinhar a história ou eventos associados a um objeto material com o qual estejam em contato direto.

Confesso que também não gosto da definição da Sra. Dowden. Não me parece que se trate aqui de simples adivinhação, embora o Prof. Aurélio Buarque de Hollanda autorize, no seu Dicionário, o sentido sugerido pela autora da definição. Diz Aurélio que adivinhar é “conhecer ou descobrir”, por meios sobrenaturais ou artifícios hábeis, o que está oculto em passado, presente e futuro.

E já que não estou gostando de muitas coisas, deixe-me lembrar que não gosto também do termo sobrenatural, como ficou dito anteriormente, mas isto nos levaria longe demais neste livro que precisa ficar contido dentro dos limites propostos pelos seus idealizadores.

Seja como for, a psicometria é um interessante fenômeno. Posto em contato

com um objeto, o sensitivo - evito a palavra médium aqui, por me parecer inadequada neste contexto - é capaz de descrever situações e eventos relacionados com aquele objeto em passado mais recente ou mais remoto. Procure o leitor informar-se melhor do assunto na obra de Ernesto Bozzano ⁽³⁸⁾.

Um episódio de psicometria, em especial, me ficou na lembrança, dos muitos sobre os quais tenho lido. Refiro-me a ele no artigo O COGUMELO SAGRADO, em REFORMADOR de julho de 1964.

Toda uma interessantíssima pesquisa acerca da Amanita muscaria, o cogumelo do qual se extrai a substância que provoca um estado de transe, foi realizada a partir de um fenômeno psicométrico.

O objeto que serviu como espécie de detonador do fenômeno foi uma Joia do Egito Antigo, levando o sensitivo a psicografar um texto em caracteres hieroglíficos, que, por sua vez, levaria o Dr. Andrija Puharich a descobertas verdadeiramente sensacionais. A joia teria sido, ao que parece, uma espécie de catalisador e não propriamente um objeto submetido à psicometria.

Quando isto acontece, nos fenômenos clássicos de psicometria, o objeto parece criar na mente do sensitivo imagens de um passado esquecido, ao qual aquele objeto esteja associado. É como se ele guardasse um misterioso e invisível cassete de gravação em videotape, dos eventos que presenciou e que o sensitivo tivesse condições de reproduzir para si mesmo, assistindo e descrevendo as cenas que vê.

Ainda que haja aí certa colaboração dos espíritos desencarnados - perfeitamente admissível - o fenômeno me parece anímico e não mediúnico.

Quanto à melhor caracterização e às distinções ou semelhanças entre fenômenos anímicos e mediúnicos, contudo, o melhor é ler com atenção dois livros esclarecedores escritos por autores do mais alto nível intelectual e científico. Estou falando do já muito citado Ernesto Bozzano ⁽³⁹⁾ e de Alexandre Aksakof ⁽⁴⁰⁾, ambos editados pela Federação Espírita Brasileira.

37. Nandor Fodor – AN ENCYCLOPAEDIA OF PSYCHIC SCIENCE – Ed. Citadel Press, Secaucus, NJ

38. Ernesto Bozzano – OS ENIGMAS DA PSICOMETRIA, Ed. FEB, Rio

39. Ernesto Bozzano – ANIMISMO E ESPIRITISMO – Ed. FEB, Rio

40. Alexandre Aksakof - ANIMISMO OU ESPIRITISMO? – Ed. FEB, Rio

Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos

Hermínio C. Miranda

Numa das vezes – a 15 de julho –, mais encorajadas, a esposa e a filha do autor (de 18 anos) resolveram comer os cogumelos. Ambas tiveram as mesmas visões de arrebatadora beleza e grandiosidade. A Sra. Wasson “assistiu” a um baile no Palácio de Versalhes, no qual as personagens, vestidas com trajes da época, dançavam um minueto de Mozart.

A seguir, narra o autor como foi solicitado seu interesse para os cogumelos silvestres, donde partiu para os seus trinta anos de estudos e pesquisas.

Sente-se, porém, que, por mais profundo que tenha sido, seu estudo parou na classificação científica e na dissertação histórica, nas quais se revelou um verdadeiro erudito. Quando, porém, se trata de especular acerca da ação do cogumelo sobre a personalidade humana, o Sr. Wasson parece encontrar-se tateando na escuridão. Faltou-lhe provavelmente certo conhecimento ou intuição psíquica que lhe servisse de instrumentação para ir adiante.

Pelo que se deduz da sua descrição, o cogumelo contém uma substância que provoca o desdobramento do Espírito, sem perda da consciência. Este, ao mesmo tempo que participa das visões mais extraordinárias num outro plano de vida, tem noção do ambiente físico em que se encontra, das sensações habituais da vida quotidiana e do seu próprio corpo material. O desdobramento é tão completo, entretanto, que o Espírito se sente pairando a alturas consideráveis, e dono de uma percepção sensorial extremamente aguçada. É notável também a experiência da esposa do Sr. Wasson, que teve a oportunidade de “assistir”, naquele verdadeiro estado de transe, a um baile na Corte de Versalhes. Seria isto uma simples viagem psicométrica através do tempo ou recordação de uma antiga encarnação dela própria ou de alguns dos presentes?

Essas questões permanecem naturalmente envolvidas em silêncio e penumbra. Para que nelas nos aprofundássemos um pouco mais, seria necessário que as pesquisas fossem conduzidas sob controle científico, por um grupo misto do qual participassem cientistas conhecedores dos aspectos espirituais.

Sem isto, ficam as pesquisas pela metade e prejudicadas no que têm de mais importante, ou seja, no que têm elas a oferecer ao entendimento do problema do Espírito humano, seu mecanismo psíquico, suas relações com o corpo físico, seus imensos e insondáveis arquivos progressos onde jaz o fichário minucioso do inconsciente.

Essas questões assumem aspectos verdadeiramente dramáticos, não para nós espíritas,

evidentemente, para os quais o conhecimento das leis espirituais, se não é perfeito e completo, é pelo menos suficiente para orientar nossa jornada espiritual através do tempo presente e futuro. É, contudo, lamentável notar a desorientação dos autores leigos ou cientistas quando passam do terreno das observações objetivas para a especulação subjetiva.

Vejamos: “As visões, diz o Sr. Wasson, deverão surgir sem dúvida (grifo meu) de nosso próprio ser.” Por que, sem dúvida? Não poderiam ser objetivas, exteriores, imagens de uma dimensão habitualmente colocada fora do alcance dos cinco sentidos fundamentais? O próprio autor acrescenta logo a seguir que “não se recordava de as haver visto anteriormente com seus próprios olhos”. “Em algum ponto recôndito do ser existe talvez um repositório onde permanecem tais visões até que sejam invocadas. Seriam mutações subconscientes de coisas lidas, vistas e imaginadas, transmutadas de tal maneira que, ao serem invocadas, emergem com formas tais que as tornam irreconhecíveis?” – pergunta ele afinal.

Tudo suposição tateante.

E mais adiante: “Não se empregam os cogumelos como agentes terapêuticos. Por si só

não produzem curas. Os índios os “consultam” quando se sentem perturbados por graves problemas.” “Se alguém adoecer, os cogumelos revelam a causa do mal, preveem se o paciente ficará bom ou se morrerá e prescrevem o que se deve fazer para acelerar a recuperação.”

“Consultam-no” para saber do paradeiro de um burro desaparecido ou um filho querido que se deixou levar pela sedução de outras terras.

Isto, porém, não está bem posto. Não são os cogumelos que recebem e respondem as consultas. O que se dá, provavelmente, é que eles produzem um estado tal de afastamento do Espírito, que este, no pleno gozo de sua lucidez, tem acesso a informações que habitualmente estariam fora de seu alcance. Assim consegue diagnosticar moléstias, recomendar remédios, deslocar-se no espaço e provavelmente entrar em contato com outros Espíritos encarnados ou desencarnados que assistam às experiências. Fenômeno idêntico se dá nos estados de hipnose profunda, quando o afastamento temporário do Espírito lhe aguça fabulosamente as faculdades psíquicas e até mesmo lhe franqueia os arquivos da memória subconsciente, onde em nossas passadas encarnações registramos, no âmago do perispírito, os mais insignificantes episódios.

Há muito que pesquisar e estudar nesse campo. Como diz o Sr. Wasson, ao finalizar seu artigo, suas descobertas serviram apenas para abrir horizontes.

A Ciência que retorne, mais uma vez, à pesquisa e se digne de proclamar, com

honestidade e coragem, os resultados a que chegar. A tarefa é grande, porque quase tudo se terá que recompor, reescrever e rever, e é isto exatamente que assusta o conformismo tranquilo das academias, dos professores e dos “sábios”. É preciso a fibra e a coragem moral de um Lombroso ou de um Oliver Lodge para, a certa altura da vida, sacudir a poeira dourada do academicismo, afrontar a chacota e romper com o passado, proclamando humildemente uma verdade que lhes parece – e é – superior a tudo quanto viram e aceitaram até o momento.

Num instante, viu-se flutuando no ar, junto ao teto do quarto. Lá embaixo, estava o seu corpo adormecido; “My surprise was stupendous”, diz ele. Estupenda surpresa; sua consciência estava com o “eu” que flutuava e não com a massa inerte lá embaixo, na cama. “Aquilo” era uma “coisa impessoal”. “Não parecia pertencer-me e, certamente, eu tinha muito pouco interesse nele”, confessa o autor. Mas logo a sua mente lúcida, habituada ao trato de problemas científicos, começou a trabalhar, recuperada da surpresa. O corpo flutuante era real, enquanto o que jazia sobre a cama parecia irreal. Como é que poderia ele provar a si mesmo que aquela experiência não era simplesmente um sonho? Tentaria ir a algum lugar do qual pudesse lembrar-se depois e verificar objetivamente os fatos. Faria uma “visita”, em Espírito, a alguém. Lembrou-se da Sra. Garrett, com a qual havia trabalhado anos antes. Mal decidira isso, encontrou-se “viajando” pelo espaço e, num abrir e fechar de olhos, estava no apartamento da Sra. Garrett, em Nova York, que, aliás, ele conhecia bem. A viagem fora tão rápida que não se lembrava de nada que lhe ocorrera no trajeto. Viu a Sra. Garrett sentada numa cadeira, conversando com duas pessoas, mas não conseguia ouvir o que diziam. Flutuou pelo apartamento na esperança de que a Sra. Garrett desse pela sua presença. Chegou-se a ela, agitou a mão à frente de seu rosto, mas, nada... Começou, então, a sentir que a sua experiência não alcançaria êxito. Poderia entrar em contato com outra pessoa? Que tal Alice Bouverie, sua amiga? Mas não tinha a menor ideia onde ela seria encontrada. Mal pensara isto, viu-se novamente a deslocar-se no espaço, sem consciência deste. Em pouco, penetrava em outro aposento, que lhe era desconhecido por completo. Nunca havia estado ali. Era uma sala de jantar, grande, alta, e suas paredes estavam revestidas de um pano dourado muito original. Foi o que mais lhe chamou a atenção: a forração das paredes. Lá estava sua amiga Alice, também conversando a um canto com duas pessoas; mas, foi inútil seu esforço de chamar-lhe a atenção. Definitivamente, não estava sendo visto pelos outros seres à sua volta. Tentaria memorizar alguma coisa que houvesse de extraordinário naquele aposento para, depois, verificar, em estado normal, sua autenticidade. Seria o desenho do pano que forrava as paredes. Mal acabara de decidir isso, sentiu que precisava voltar, com urgência, ao seu corpo adormecido, no Estado

de Maryland. Não sabe como saiu da casa onde se encontrava Alice, nem como chegou a sua casa. Em pouco tempo, entretanto, foi atraído para o seu corpo físico como “um fluido” que fosse de repente aspirado para dentro de uma garrafa, por meio de uma pressão, gerada pelo vácuo. Alguém batia vigorosamente à porta do seu quarto. Antes que ele pudesse correr, ouviu passos que se afastavam. Era sua filha.

Agora, acordado, olhava para o teto a ver se conseguia divisar, lá, o seu corpo flutuante e leve. Nada. Nas semanas que se seguiram, ele procurou certificar-se junto à Sra. Garrett e à Sra. Bouverie acerca do que tinham estado a fazer no dia do seu estranho desdobramento. Ambas haviam estado nos aposentos que ele viu, mas isso ele não considerou como evidência suficiente. Há, porém, uma nota curiosa nisso tudo. O cômodo em que ele vira sua amiga Alice Bouverie pertencia à casa da mãe dessa senhora. As paredes nas quais o Dr. Puharich havia visto aquele notável brocado dourado eram pintadas de branco. Havia sido recobertas com brocado há quarenta anos, mas ninguém se lembrava de que cor fora esse pano.

Não sei como o leitor resolveria essa questão. Para mim, houve uma espécie de baralhamento do processo de seleção cronológica. O Espírito desprendido do Dr. Puharich captou, ao mesmo tempo, as vibrações do presente, vendo as pessoas que ali estavam naquele momento e, por um processo psicométrico, de fundo mediúnico, as vibrações do tecido que há quarenta anos recobriria as paredes.

Seja como for, o Dr. Puharich não aceitou a ideia de que havia sido objeto de um desdobramento. Achou que não tinha provas e preferiu considerar o fenômeno como um sonho.

Dinâmica PSI

Jorge Andréa dos Santos

Os fenômenos realizados pela capacidade Psi-Gama são comumente

enquadrados nas percepções extra-sensoriais e representados pela clarividência, telepatia, leituras de cartas, escrita automática (psicografia), palavra automática (psicofonia) e psicomетria. Fenômenos esses, como referimos linhas atrás, a se desenvolverem nas expansões da zona inconsciente, pelos seus campos vibratórios, dentro das possibilidades, aos campos da consciência do sensível ou médium.

Mirabelli – Um Médio Extraordinário

L.Palha

no Jr Já foram arrolados, aqui, os homens de renome nacional e internacional que estudaram a

gama enorme de fenômenos mediúnicos produzidos por Mirabelli, numa variedade de possibilidades psíquicas difícil de ser igualada. Esses fenômenos foram catalogados de modo sistemático, incluindo-se, entre eles, psicografia, psicofonia, incorporação, transfiguração, clarividência, clariaudiência, transporte, desmaterialização de objetos e do próprio corpo do médium, materializações de Espíritos, bicorporeidade, psicoscopia (nova nomenclatura para indicar o mesmo fenômeno da psicometria), moldagens, irradiações luminosas, sons transcendentais, como músicas e cantos emitidos por instrumentos e vozes invisíveis, pictografias em aquarela, crayon, pena, óleo e outras técnicas, levitação de objetos e do próprio médium.

Estudando a Mediunidade

Martins Peralva

Segundo a definição do Assistente Áulus, a palavra “psicometria” designa a faculdade que

têm algumas pessoas de lerem “impressões e recordações ao contato de objetos comuns”.

Psicometria é, também, faculdade mediúnica. Faculdade pela qual o sensitivo, tocando em determinados objetos, entra em relação com pessoas e fatos aos mesmos ligados.

Essa percepção se verifica em vista de tais objetos se acharem impregnados da influência pessoal do seu possuidor.

Toda pessoa, ao penetrar num recinto, deixa aí um pouco de si mesma, da sua personalidade, dos seus sentimentos, das suas virtudes, dos seus defeitos.

A psicometria não é, entretanto, faculdade comum em nossos círculos de atividade, uma vez que só a possuem pessoas dotadas de “aguçada sensibilidade psíquica”. E a nossa atual condição espiritual, ainda deficitária, não permite esses admiráveis recursos perceptivos.

Quando tocamos num objeto, o imantamos com o fluido que nos é peculiar. E se, além

do simples toque ou uso, convertemos inadvertidamente esse objeto, seja um livro, uma caneta, uma joia ou, em ponto maior, uma casa ou um automóvel em motivo de obsessiva adoração, ampliando, excessivamente, as noções de posse ou propriedade, o volume de energias fluídicas

que sobre o mesmo projetamos é de tal maneira acentuado que a nossa própria mente ali ficará impressa.

Em qualquer tempo e lugar, a nossa vida, com méritos e deméritos, desfilará em todas as suas minúcias ante o “radar” do psicômetra.

Há um belo estudo de Ernesto Bozzano intitulado “Enigmas da Psicometria”, através de

cuja leitura defrontamo-nos com impressionantes narrativas, algumas delas remontando fases remotas da organização planetária terrestre.

O processo pelo qual é possível, ao psicômetra, entrar em relação com os fatos remotos

ou próximos, pode ser explicado de duas maneiras principais, a saber:

- a) Uma parte dos fatos e impressões é retirada da própria aura do objeto;
- b) Outra parte é recolhida da subconsciência do seu possuidor mediante relação telepática que o objeto psicometrado estabelece com o médium.

Não tem importância que o possuidor esteja encarnado ou desencarnado.

O psicômetra recolherá do seu subconsciente, esteja ele onde estiver, as impressões e

sentimentos com que gravou, no objeto, a própria vida.

Bozzano demonstra que não são, apenas, as pessoas os únicos seres psicometráveis.

Além do elemento humano,

temos: a) Os animais,

b) Os vegetais,

c) Objetos inanimados, metais, etc., etc.

O filósofo italiano menciona, na obra citada, extraordinários fenômenos de psicometria

por meio do contato com a pena de um pombo, o galho de uma árvore, um pedaço de carvão ou de barro.

Poder-se-á indagar: E se o objeto psicometrado teve, no curso dos anos, diversos possuidores? Com a vida de qual deles o médium entrará em relação?

Explica Bozzano, com irresistível lógica, que o médium entrará em relação com os fatos

ligados àquele (possuidor) cujo fluido se evidenciar mais ativo em relação com o do sensitivo.

A esse aspecto do fenômeno psicométrico, Bozzano denominou de “afinidade eletiva”.

Pela psicometria o médium revela o passado, conhece o presente, desvenda o futuro. No tocante à relação com o passado e o presente, qualquer explicação é desnecessária,

uma vez que a alínea “a” nos dá satisfatória resposta: o objeto, móvel ou imóvel, impregnado da influência pessoal do seu dono, conserva-a durante longo tempo e possibilita o recolhimento das impressões.

E quanto ao futuro?

Devemos esperar essa pergunta.

Aos que a formularem, recomendamos a leitura da alínea “b”: Outra parte é recolhida da

subconsciência do seu possuidor, mediante a relação telepática que o objeto psicometrado estabelece com o médium.

Essa resposta pede, todavia, um complemento explicativo. Ei-lo:

Toda criatura humana tem o seu Carma, palavra com que designamos a lei de Causa e Efeito, em face da qual, ao reingressarmos “nas correntes da vida física” para novas experiências, trazemos impresso no perispírito – molde do corpo somático – um quadro de inelutáveis provações.

A nossa mente espiritual conhece tais provações e permite que o psicômetra estabeleça

relação com essas vicissitudes, prevê-las, anunciá-las e, inclusive, fixar a época em que se verificarão.

Como vemos, não há nisso nenhum mistério. É como se o sensitivo lesse, na mente do

possuidor do objeto, o que lá já está escrito com vistas ao futuro.

Tudo muito simples, claro e lógico.

Nenhum atentado ao bom senso.

Apesar de os diversos temas mediúnicos nos terem levado, algumas vezes, a certas explicações de natureza por assim dizer “técnica”, elucidativas do mecanismo dos fenômenos, não é este, todavia, o objetivo fundamental do livro que procuramos escrever, mais com o coração do que com o cérebro.

Desejamos dar aos assuntos mediúnicos feição e finalidade evangélicas.

A nossa intenção é de que este trabalho chegue aos núcleos assistenciais do Espiritismo Cristão por mensagem de cooperação fraterna, de bom ânimo para os desiludidos, de esperança para os que sofrem, de reabilitação para os que rangem os dentes “nas trevas exteriores”...

Assim sendo, compete-nos extrair, das considerações expendidas em torno de tão belo

quão admirável tema – Psicometria –, conclusões de ordem moral que fortaleçam o nosso coração para as decisivas e sublimes realizações na direção do Mais Alto.

O conhecimento da psicometria faz-nos pensar, conseqüentemente, nos seguintes imperativos:

- a) Não nos apegarmos, em demasia, aos bens materiais;
- b) Combatermos o egoísmo que assinala a nossa vida, com a conseqüente diminuição das exigências impostas a familiares, amigos e conhecidos.

Em capítulo precedente tivemos ensejo de relacionar o fato daquela senhora que, desencarnada havia muito, “não tinha forças” para afastar-se do próprio domicílio, ao qual se sentia presa pelas recordações dos familiares e dos objetos caseiros.

Em “Nos Domínios da Mediunidade”, no estudo da psicometria, temos o episódio de uma

jovem que, há cerca de 300 anos, acompanha um espelho a ela ofertado por um rapaz em 1700.

Vamos trazer para as nossas páginas parte do relato de André Luiz, a fim de colocarmos

o leitor em relação com a ocorrência.

A narrativa é de André Luiz, quando em visita a um museu:

“Avançávamos mais além.

Ao lado de extensa galeria, dois cavalheiros e três damas admiravam singular espelho, junto do qual se mantinha uma jovem desencarnada com expressão de grande tristeza.

Uma das senhoras teve palavras elogiosas para a beleza da moldura, e a moça, na feição de sentinela irritada, aproximou-se tateando-lhe os ombros.”

Acrescenta André Luiz que, à medida que os visitantes encarnados se retiravam para outra dependência do museu, a moça, que não percebia a presença dos três desencarnados, mostrou-se “contente com a solidão e passou a contemplar o espelho, sob estranha fascinação”.

Com a mente cristalizada naquele objeto, nele polarizou todos os seus sonhos de moça, esperando, tristemente, que da Franca regressasse o jovem que se foi...

Gravou no espelho a própria vida...

E enquanto pensar no espelho, como síntese de suas esperanças, junto a ele permanecerá.

Exemplo típico de fixação mental.

Relativamente a pessoas, o fenômeno é o mesmo.

Apegando-nos, egoística e desvairadamente, aos que nos são caros ao coração, corremos

o risco de a eles nos imantarmos e sobre eles exercermos cruel escravização, consoante vimos no capítulo “Estranha obsessão”.

Enquanto os nossos sentimentos afetivos não assinalarem o altruísmo, a elevação, a

pureza e o espírito de renúncia peculiares ao discípulo sincero do Evangelho, o nosso caminho será pontilhado das mais desagradáveis surpresas, estejamos na libré da carne ou no Mundo dos Espíritos.

Amar sem ideia de recompensa; ajudar sem esperar retribuição; pensar nos próprios deveres com esquecimento de pretensos direitos; servir e passar – EIS O ELEVADO PROGRAMA que, realizado na medida das possibilidades de cada um, constituirá penhor de alegria paz, felicidade e progresso neste e no plano espiritual.

Reconhecendo, com toda a sinceridade, a nossa incapacidade de, por agora, executarmos

tal programa, forte demais para a nossa fraqueza, podemos, contudo, esforçar-nos no sentido do gradativo afeiçoamento a ele, considerando a oportuna advertência de Emmanuel:

“Se o clarim cristão já te alcançou os ouvidos, aceita-lhe as claridades sem vacilar.”

Ainda Emmanuel recorda que “as afeições familiares, os laços consanguíneos e as simpatias naturais podem ser manifestações muito santas da alma, quando a criatura se eleva no altar do sentimento superior, contudo, é razoável que o Espírito não venha a cair sob o peso das inclinações próprias”.

“O equilíbrio é a posição ideal.”

“A fraternidade pura é o mais sublime dos sistemas de relações entre as almas.”

Colocando Jesus Cristo no vértice das nossas aspirações, aprenderemos, com o Bem-aventurado Aflito da Crucificação, a amar sem exigências, a servir com alegria, a conservar a liberdade da nossa mente e a paz do nosso coração.

Aceitando-o, efetivamente, como Sol Espiritual que aquece, com o seu Amor, desde o Princípio, a Terra inteira, a ninguém escravizaremos.

E a única escravização a que nos submeteremos será a do dever bem cumprido...

Magnetismo Espiritual

Michaelus

A magnetização indireta ou intermediária nos levaria a reflexões mais complexas e mais profundas, pela demonstração de que o fluido universal, que se nos apresenta sob as mais sutis nuances, é a chave da explicação de muitos fenômenos supranormais.

Assim, v.g., os fenômenos da psicometria encontraram no princípio de Mesmer – de todos os corpos da Natureza são mais ou menos suscetíveis de magnetização e, portanto, de se impregnarem do fluido — a sua explicação natural e lógica.

Folgamos em verificar que o clássico do assunto, Ernesto Bozzano (177), não excluiu, mas admitiu clara e inequivocamente a hipótese do fluido como o “modus operandi” mais racional de toda a fenomenologia psicométrica.

Assim diz ele:

“Na psicometria parece evidente que os objetos apresentados ao sensitivo, longe de atuarem como simples estimulantes, constituem verdadeiros intermediários adequados, que, à falta de condições experimentais favoráveis, servem para estabelecer a relação entre a pessoa ou meio distantes, mercê de uma influência real, impregnada no objeto, pelo seu possuidor.

“Esta influência, de conformidade com a hipótese psicométrica, consistiria em tal ou qual propriedade da matéria inanimada para receber e reter, potencialmente, toda espécie de vibrações e emanações físicas, psíquicas e vitais, assim como se dá com a substância cerebral, que tem a propriedade de receber e conservar em latência as vibrações do pensamento.

“Após as experiências recentes e decisivas de Edmond Duchatel e do Dr. Osty nos domínios da psicometria, não é mais possível duvidar da realidade dessa influência pessoal, absorvida pelos objetos e percebida pelos sensitivos.” E Bozzano conclui decisivamente:

“Daí, o seguir-se que, para explicar os fatos, somos levados, em todos os casos, a admitir a existência de um fluido pessoal humano ligando-se aos objetos. É uma conclusão esta corroborada por tantas circunstâncias, tendentes todas a demonstrá-la, que podemos considerá-la como definitivamente adquirida pela Ciência.”

(177) Ernesto Bozzano — "Enigmas da Psicometria".

A propósito desse caso, chamamos a atenção dos nossos leitores para o que já ficou dito numa página anterior, quando, com apoio na autoridade de Ernesto Bozzano, lembramos que a psicometria não passa de uma das modalidades da clarividência. Estamos diante de casos típicos que confirmam a assertiva.

Vamos ao quinto caso.

O sonâmbulo Alexis já havia sido consultado por diversos assistentes, quando um deles

lhe apresentou uma espécie de pasta de couro envolta em várias folhas de papel.

O sonâmbulo toma esse objeto, que examina e cheira, e diz logo em tom de gracejo:

– Isso dá a impressão de um buquê; entretanto, não ofereceria a uma dama, porque não são flores, mas sim uma pasta.

– De que cor?

– Do mais belo vermelho. E para que ninguém duvide, ei-la aqui...

Com efeito, ele rasga o invólucro de papel e mostra uma pasta vermelha.

A pessoa que apresentou esse objeto se aproxima de Alexis e pergunta a quem o mesmo

pertence.

– A um guarda nacional.

– Enganais-vos.

– É possível, porque esta pasta é nova e nunca foi usada.

– Isso é absolutamente exato. Mas a quem pertence?

– A um militar, sem dúvida.

– Onde está ele?

– Do outro lado do Sena.

– É verdade.

– Perto dos Inválidos.

– Prestai atenção, ele não se encontra mais aí.

– Ah! Esperai...

– Procurai bem.

– Não o encontro.

– Bem. Vou ajudá-lo. O militar estava no hospital de Gros-Caillou, e...

– Não informeis mais nada... ferido... na cabeça... na coxa... fratura dupla...

queda do cavalo... Tínheis razão... Esse homem não está mais no hospital... Está morto!

O sexto caso ocorreu com a sonâmbula Rosália. Depois de magnetizada, Teste indagou

que desejavam os assistentes que a sonâmbula visse. Respondeu-se-lhe: uma menina.

Teste aproximou-se de uma cadeira, e, por meio de alguns passes, procurou fixar nessa

cadeira a imagem. Em seguida, conduziu a paciente para junto da cadeira. Houve um momento de hesitação, mas a sonâmbula finalmente disse:

– Vejo muito hem: é a pequena Hortênsia.

Rosália é conduzida para outra sala, enquanto Teste procura, pela mudança de lugar da

cadeira, embarçar a sonâmbula para que não reconheça a pequena Hortênsia. Aconteceu, entretanto, que o magnetizador hesitou, colocando mentalmente a cadeira em diversos pontos do salão, antes de fixá-la definitivamente num lugar.

Em seguida, despertou a sonâmbula, conduzindo-a novamente para o salão. Mas, com

grande espanto para o magnetizador, a paciente não via apenas uma, mas seis crianças.

Por meio de passes transversais, o magnetizador procura desmanchar a multiplicidade

das crianças. Todos os esforços foram inúteis.

Curioso em conhecer a causa do que ocorrera, Teste adormece novamente a paciente e

lhe pede a explicação do enigma.

– Tudo muito claro – responde a sonâmbula. – Se não tivesse mudado a cadeira de lugar,

eu teria visto apenas uma criança. Mas, com a mudança, em toda a parte do salão em que colocou a cadeira, o fluido que a atravessava formou outras tantas crianças semelhantes.

Não há dúvida de que esse caso é muito curioso, e serve para nos colocar de sobreaviso

na produção de fenômenos insólitos, que surgem inesperadamente, sem que se conheça ou se possa deduzir-lhes a causa.

A história do magnetismo está cheia dessas surpresas.

Afinal, Quem Somos?

Pedro Granja

"Devo muito à Sra. Bullock. Fui livre pensador, mas depois de assistir as suas sessões, não me restou uma única dúvida sobre a existência do Além.

Insistindo um amigo para que eu fosse conhecer tais trabalhos, depois de muita persuasão e relutância, resolvi ir. Devo antes explicar que minha querida esposa falecera há três meses, apenas com vinte e nove anos de idade. Iniciados os trabalhos, seu guia declarou que presente estava um ser que me fora caro, que assegurou ser Gertrudes o seu nome, e chamava-me por Robert.

A seguir, o rosto do médium se transfigurou; e imediatamente reconheci minha mulher. Mas o acontecimento mais surpreendente produziu-se quando ela veio ao meu encontro com as mãos estendidas, mãos que apertei entre as minhas. Notei que havia um anel num dos dedos, o mesmo que eu lho deixara quando ela foi sepultada. Pensei que se tratava de surpreendente coincidência possuir o médium idêntico anel. Minha mulher também apareceu com os três dentes artificiais, detalhe esse que pude analisá-lo bem.

Tão abalado me senti que, terminada a sessão, pedi permissão para examinar as mãos de Bullock. Ela assentiu imediatamente e grande foi a minha surpresa ao verificar a inexistência de semelhante anel em seu dedo. Não se tratava de um caso de imaginação. Eu tocara o anel. Era sólido. O amigo que me levava à sessão, também o viu. Foi essa a prova suficiente para me convencer da sobrevivência de minha esposa.

Não encontro palavras com que agradecer à Sra. Bullock, pois essa prova transformou meu modo de ver e minha vida. Agora sou feliz e sinto orgulho em declarar-me espiritista" (6).

Encontram-se, no caso que acabamos de transcrever, dois fatores que, ignorados pelo médium, foram absolutamente verídicos.

Primeiro: era-lhe desconhecida e dos presentes a entidade que se manifestara; por conseguinte, nenhuma possibilidade haveria de transmissão da força subconsciente dos assistentes e muito menos a do marido (telemnesia), visto o médium ignorar a presença deste último. Nestas condições, como se poderia estabelecer a "relação psíquica (rapport psychique) entre duas subconsciências que se ignoravam; relação psíquica que corresponda exatamente à "sintonização" das ondas hertezianas na telegrafia sem fio?

Segundo: a entidade se comunicara com um anel no dedo, o mesmo que o marido "deixara no dedo quando ela foi sepultada", fato que vem afastar a hipótese de "psicomетria", pois que, neste caso, somente por meio de um objeto é que seria possível o sensitivo entrar em relação com o desconhecido; mas, na ausência absoluta de semelhante

objeto, como documentou o próprio interessado, a interpretação espírita de tal fato se impõe irrefutavelmente.

(6) Robert Rowan — Artigo publicado em "The Two Worlds".

Cromoterapia

Rene Nunes

Além do diagnóstico pelos Chacras, a partir de uma determinada fase do trabalho começamos, também, a exercitar um outro diagnóstico alternativo que é o pela psicometria.

Este, apesar de não ser tão completo como o feito pela vidência, é também muito eficiente e atende, perfeitamente, a necessidade do trabalho de socorro e alívio.

Sua mecânica de funcionamento é bastante simples e requer apenas um pouco de treino que poderá ser feito no curso do processo do trabalho.

A psicometria é o processo de percepção das vibrações psíquicas. Inicialmente, pede-se ao paciente as referências sobre os seus males, para podermos mentalizá-los. Em seguida, já concentrados vamos buscar a confirmação das indicações, mentalizando os locais indicados, pela absorção das energias que ele paciente está emitindo naquele momento. Funciona, realmente, com muita precisão e, na grande maioria das vezes, descobrimos outros problemas nas áreas referidas.

A maneira de se fazer essa captação, como exercício, enquanto ainda não tivermos desenvolvida a capacidade de mentalização, é a seguinte: pede-se ao paciente para estender a mão direita com a palma para cima, sem enrijecê-la e, nós colocamos a nossa mão esquerda sobre a dele, a uma distância, mais ou menos, de cinco centímetros.

Em seguida, pedimos a ele que se concentre, elevando o seu pensamento em prece e fazemos o mesmo. Após 20 ou 30 segundos começamos a receber suas emissões. Uma dor na cabeça, no coração ou no estômago, são facilmente detectadas pela diferença de vibração. As sentimos nos mesmos lugares que o paciente está sentindo. É uma espécie de mal-estar que não chega a ser uma dor. E, realmente, não dói porque sabemos que não é nosso.

O mesmo acontece com os problemas de pressão, os problemas nervosos, dores renais ou intestinais.

À medida em que nos vamos exercitando, as nossas condições perceptivas vão-se

apurando e a distinção dos sintomas passa a ser feita com toda facilidade. Nesse estágio, já seguro do que se está fazendo, o outro diagnóstico – o dos sintomas – fica mais fácil, porque o nosso próprio conhecimento vai ajudar na informação que nos é fornecida pelo paciente.

Conhecendo as funções e o manuseio das lâmpadas e sendo capazes de avaliar

o mal, pela própria vivência, será muito fácil indicarmos o conjunto de luzes, como um remédio específico para o sintoma apresentado.

Com esse tipo de diagnóstico, à medida em que o trabalho se desenvolve e vai-se tornando confiável para aqueles mais céticos, passam a acontecer, então, com muita insistência, os pedidos de informação sobre aplicação para este ou aquele mal. Como uma medicina caseira de muita eficiência, vamos descobrindo que a Cromoterapia pode fazer coisas verdadeiramente incríveis.

Mediunidade (2 de 7)

Therezinha Oliveira

1. Definição de psicometria

É a "faculdade de perceber o lado oculto do ambiente e de ler impressões e lembranças, ao contato de objetos e documentos, nos domínios da sensação à distância (...)." (André Luiz, Mecanismos da Mediunidade, cap. XX.) Psicômetra é quem tem essa faculdade.

Além de perceber, ele pode descrever acontecimentos ou cenas, distantes no espaço e

no tempo, que estejam relacionados aos objetos psicometrados.

O exemplo mais típico ocorre quando se apresenta ao sensitivo um objeto qualquer pertencente a uma pessoa, ou de seu uso, e, então, o sensitivo descreve a fisionomia, situação, sentimentos, cenas ou detalhes outros relacionados com o dono ou usuário do objeto.

No entanto, experiências feitas com galhos de árvore, pedaços de carvão, penas de pombos etc., demonstram que também são psicometráveis os elementos ligados a animais, vegetais e coisas inanimadas, e não somente os relacionados a seres humanos.

É um fenômeno pouco frequente, pois raras pessoas apresentam a faculdade de psicometria.

E apresenta muitas incógnitas, pois, "ainda não se dispõe de uma teoria ou hipótese razoável que sirva indiscriminadamente para todos os casos observados" (Hermínio C. Miranda), que a Ciência ainda não aceita fatores de ordem eminentemente espiritual.

Bem a propósito, Ernesto Bozzano intitula seu livro de Os Enigmas da Psicometria.

2. Mecanismo da psicometria

a) A impregnação fluídica

Em volta dos objetos que nos são comuns, cria-se uma aura fluídica, resultante dos pensamentos que continuamente lhes endereçamos ou simplesmente emanamos, usando-os.

Quanto maior a afeição que votamos a um objeto ou trato que temos com ele, maior a carga fluídica que se acumula em torno dele, passível de nos identificar.

Impregnados, os objetos funcionarão como mediadores, intermediários entre o psicômetra e os seres, acontecimentos e ambientes que se deseja identificar.

b) Como o psicômetra age

Todos podemos ter alguma percepção relativamente a pessoas, coisas e ambientes.

Mas o psicômetra, propriamente dito, consegue: concentrar seu pensamento, com atenção profunda, no objeto a ser analisado, o que faz com que sua percepção extrapole os sentidos físicos comuns.

André Luiz informa que:

O psicômetra "consegue desarticular, de maneira automática, a força nervosa de certos

núcleos, como, por exemplo, os da visão e da audição, transferindo-lhes a potencialidade para as próprias oscilações mentais".

Então, "o fluido nervoso ou força psíquica, a desarticular-se dos centros vitais, incorpora-se aos raios de energia mental exteriorizados, neles configurando o campo de percepção que se deseja plasmar, segundo a dileção da vontade, conferindo ao Espírito novos poderes sensoriais". (André Luiz, Mecanismos da Mediunidade, cap. XX.)

c) O que o psicômetra percebe (André Luiz, Nos Domínios da Mediunidade, cap. XXVI.)

Como, no Universo, pelo Fluido Cósmico Universal, tudo e todos estão ligados e em tudo deixam o rastro de suas vibrações, o psicômetra poderá perceber:

c. 1) As vibrações das pessoas que se relacionaram com o objeto

Impregnados dessas vibrações, os objetos funcionarão como um elemento mediador, uma ponte, um link, entre o sensitivo e o antigo dono (ou donos) do objeto.

Num museu, alguns objetos revestidos de fluidos opacos, que formavam uma massa acinzentada ou pardacenta, na qual transpareciam pontos luminosos, eram os que se achavam fortemente lembrados ou visitados por aqueles que os possuíram. Conservavam as formas-pensamentos do casal que fora seu proprietário.

No caso de várias pessoas tê-los usado, a telepatia é necessária para a percepção eletiva de quem se deseja psicometrar.

No caso do dono do objeto já estar desencarnado, o contato telepático se faria mediunicamente. Ex.: visitante sente a presença de jovem desencarnada apegada a um espelho.

c. 2) O registro de fatos da Natureza

Quando não teve qualquer ligação fluídica ou mental com alguma pessoa, o objeto coloca o sensitivo em contato apenas com o meio físico, até mesmo com os reinos vegetal e animal.

Ex.: tela do século XVIII plenamente esquecida por seu autor ou possuidor apresentava-se sem qualquer moldura fluídica; poderia oferecer informações acerca dos componentes que o constituíam, mas não funcionaria como "mediador de relações espirituais".

Exemplo citado por Ernesto Bozzano: Sra. Denton, tocando pequeno fragmento de pedra cósmica, sente-se ir às origens do próprio universo. ("O Enigma da Psicometria", VI Caso.)

c. 3) Ligações ao passado, ao presente e, também, ao futuro Não só a retrocognição, mas também a precognição.

Psicometria: função anímica ou mediúnica?

Anímica, quando o psicômetra percebe e descreve:

- estados da matéria, animais e vegetais, ligados ao objeto/coisa psicometrado;
- doença ou órgãos afetados da pessoa relacionada ao objeto em análise.

Mediúnica, se o psicômetra entra em contato com espíritos (encarnados ou não) e capta-lhes telepaticamente os pensamentos imantados ao objeto, bem como as imagens projetadas.

Copos Que Andam

Antônio

Carlos Anoitecia e a casa estava quase às escuras. Havia luz no quarto de Nely e na cozinha. Ao entrarmos, vimos D. Gema acender as luzes da sala de jantar, para servir a refeição. Os desencarnados, então, rodearam a mesa com disciplina.

– Nely, vem jantar! – gritou a serva.

A menina desceu as escadas, em silêncio, sentou-se e começou a se servir.

Novamente o cardápio era carne de ovelha, quase crua.

– Vamos subir – disse-nos Carlos.

Obedecemos aliviados, pois não era de bom gosto ver aquele repasto.

– É necessária nossa concentração em torno dos objetos e da casa, procurando ler seu astral e conhecer os acontecimentos que nos faltam.

– Como? – indaga Leila.

– Pela Psicometria – esclarece Carlos. – Podemos, cara Leila, definir a Psicometria como a leitura da memória das coisas. Paredes e mobiliários, assoalhos e teto possuem a virtude de receber e conservar eflúvios vitais de acontecimentos ou de fatos marcantes vividos em sua presença, os quais podemos ler, agora, através da concentração. Entretanto são informações do ambiente ligado ao objeto e não da matéria que o constitui. Ou, para nos entendermos melhor, são acontecimentos humanos que registram, na matéria, a própria história. Não é difícil para nós, desencarnados, usar a Psicometria, pois basta a concentração com o firme desejo de ler o astral dos objetos. Começamos pela sala de trabalhos, lugar preferido de Noemy, mãe de Nely.

Olhemos fixos nesta tela de pintura inacabada.

Enquanto Carlos falava, acompanhávamos interessados sua orientação e concentramo-

nos na tela. Vimos, então, a figura de Noemy, apresentando-se como uma pessoa sem muitos atrativos, de estatura miúda e magra. Mostrava-se pensativa, e a figura do esposo vinha-lhe a mente, pois queria tanto que ele mudasse a forma de viver, mas estava piorando a cada dia. De repente, vimos Nely entrar. Estava diferente, era mais saudável, corada e arrumada. Aproximou-se da mãe e disse:

"Mãe, Raquek pediu-me que lhe falasse. Não é mais para a senhora fazer o que pretende, porque seu corpo está fraco e poderá morrer."

A resposta foi seca:

"Não amole!"

Nem todos do grupo conseguiam ver com perfeição as cenas que narro, porém Carlos

explicava-nos tudo o que via, dando-nos o mais perfeito esclarecimento. Cada um tinha seu modo e grau de concentração e, por isso, a leitura através da Psicometria não acontecia da mesma forma para todos. Entretanto, estávamos encantados com os resultados. Vimos ainda, na sala de trabalho, cenas de discussões entre Noemy e Noel, levando-nos a saber que o casal brigava muito. Também notamos Nely sentada no sofá e presumimos que a menina deveria passar horas ali a cismar, a pensar.

– Passemos para o escritório da casa – disse-nos Carlos.

Não havia nada que chamasse a atenção no escritório: uma estante vazia, uma

mesa e quatro cadeiras. Novamente bastou concentrar-nos para ver Noel sentado à frente da mesa planejando suas farras. Era bonito, de tipo alegre e bem cuidado, moreno claro, olhos esverdeados e bigode bem aparado. De repente, vimos uma cena comovente entre pai e filha. Nely entrara no escritório e pedia, implorava chorando ao pai, que não se casasse novamente. Noel respondeu à filha cnicamente:

"Você não manda em mim, pirralha! Vou me casar! Vá choramingar com seu Raquek e não me amole!"

A menina respondeu ao pai no mesmo tom, desafiando-o, e Noel bateu-lhe no rosto, jogando-a ao chão. O tapa forte feriu seu rosto, que começou a sangrar. O pai saiu indiferente e ela ficou caída dizendo palavrões, chamando Raquek como o pai recomendara.

Raquek surgiu e entendemos que Nely via-o claramente. Ajoelhou-se ele ao seu lado, a maneira de um serviçal, sem entretanto demonstrar nenhum carinho.

"Ajuda-me, Raquek, ajuda-me!" – disse Nely, chorando alto.

"Que quer que faça?" – responde ele.

"Que meu pai não se case!"

"Você está certa não querendo o casamento, porque, casado, trará a idiota da esposa para cá e certamente vai querer mandar na casa, que é sua, por herança de sua mãe. Não é bom ter estranhos por aqui, pois vivemos tão bem! Só que, minha menina, sabemos que seu pai não presta, e é um namorador incorrigível. Se o separarmos desta, em pouco tempo arrumará outra, portanto o melhor seria se sumíssemos com ele..."

Raquek silenciou. Nely, que ainda estava caída, deitada no chão, sentou-se interessada.

Mais calma, parou de chorar e indagou:

"Como?"

Raquek responde calmamente:

"Matando-o. Se seu pai morrer, ficara com tudo e será dona de si mesma. Sua tia não a molestara, pois é fácil afastá-la. Noel não serve para nada e, se continuar a jogar, poderá acabar até com o que é seu, com o que sua mãe lhe deixou. Se ele morrer, você ficará com os criados e comigo, que nunca a abandonarei. Se concordar, faremos tudo parecer acidente e ninguém desconfiara."

Nely respondeu com firmeza, sem vacilar:

"Quero. Meu pai deve morrer e farei como recomendar."

As figuras se apagaram e Carlos, com um sinal, levou-nos para a escada.

Concentremo-nos na escada, amigos, e veremos o que podemos sondar nela.

Cenas sem importância surgiram: um operário que se machucou ao montá-la, cenas com os ex-moradores; mas apareceu o que nos interessava, Noel e Nely. Estavam os dois no alto da escada, o pai da menina ia sair, passear e ela despedia-se dele.

"Volte cedo, papai!"

"Como é bom vê-la boazinha, filha! Precisou levar um tapa, ontem, para ficar obediente. Voltarei cedo, amanhã!" – riu.

Nely fuzilou-o com a olhar, porém sorriu. Despreocupado, Noel começou a descer a escada, quando Nely deu-lhe um forte empurrão, fazendo-o cair e rolar pelos degraus, só parando embaixo. Asec e Raquek observavam tudo, impassíveis e, quando Noel ficou imóvel, Asec aproximou-se, apontou para um local no pescoço dele e disse a Raquek:

"Aqui!"

Raquek transmitiu a Nely:

"Venha, Nely, coloque seu pé aqui e aperte com força. Isso, bastante força!"

Nely seguiu a orientação de Raquek, vimo-la descer as escadas com calma, colocar o pé direito no local indicado e apertar com força.

"Basta!" – exclama Asec – "morreu!"

"Pronto, Nely" – diz Raquek – "pode chamar os criados." Nely retirou o pé, friamente olhou o pai e começou a gritar:

"Acudam! Socorro! Gema, José, Sr. João! Papai caiu da escada!"

Asec e Raquek em operação rápida, demonstrando conhecer o que faziam, desligaram Noel-Espírito do corpo e saíram.

Vimos os criados chegarem, e também o médico. Nely continuou a fingir, agora chorando. O facultativo examina o corpo de Noel e diz, naturalmente:

"O Sr. Noel fraturou o pescoço ao cair. Está morto."

As cenas enfraqueceram-se e sumiram. Cibeli exclamou:

– Nely matou o pai!

– Ajudada por Asec e Raquek – completa Toninha, ao mesmo tempo que indaga: – Carlos, Nely é culpada desse crime?

– Toninha – responde Carlos –, nosso livre-arbítrio é respeitado pelo Pai, por Deus. Nely praticou o ato porque quis. Nossas obras pertencem a nós, tanto as boas, como as más. Os três participaram do crime, e todos têm sua parcela de culpa. É muito difícil o desencarnado

fazer com que o encarnado pratique algo que não queira. Ainda mais coisa grave, como a que fizeram. Vibravam igualmente, por isso, Nely tem culpa. Foi sugestionada, mas fez porque quis e se afina completamente com Rauek, tanto que aprovou desde o início o plano. Caros amigos, ninguém se safa de seus erros culpando só os desencarnados que os tentam. Tentações e maus conselhos por parte de desencarnados sempre houve e haverá, porém cabe a cada um de nós, ou do encarnado, aceitá-los, ou não, como também há os bons conselhos vindos dos obreiros do Bem, que podemos rejeitar ou não.

Após um instante de silêncio, Mauro exclamou:

– A Psicometria é fantástica! Já a conhecia pelo estudo, porém é a primeira vez que a

uso.

– Sim – fala Carlos –, é bom utilizá-la para captar acontecimentos em torno das coisas. Em nosso caso, pudemos conhecer o modo como Noel desencarnou. E a casa sempre fechada facilitou-nos ver com clareza e sem maiores interferências.

– Carlos, há encarnados que conhecem a Psicometria e fazem uso dela, não há? – indaga Fabiano.

Carlos, com sua bondade de sempre, continua a nos esclarecer.

– Estou a me lembrar de um fato – falou a Mauro. – Quando encarnado, houve em minha cidade muito alvoroço, em virtude uma casa que diziam ser assombrada. Um amigo de meu pai a comprou e, era só ele entrar em um dos quartos, para ver uma cena trágica: um homem matando uma mulher a facadas. Um respeitável senhor espírita foi chamado e não constatou nenhum Espírito ali. Recomendou que abrissem bem a casa, que a pintassem e trocassem o mobiliário do quarto. Feito isso, as aparições cessaram.

Carlos conclui:

– O amigo de seu pai, Mauro, deveria ser um psicômetra sem o saber, pois percebia, através do astral da casa e dos objetos do quarto, o que tinha ocorrido, certamente um crime praticado às escondidas. A prática da Psicometria, sem conhecimento, tem desnortado muitos que confundem o que veem, com desencarnados. A leitura do astral dos objetos diferencia-se da clarividência com relação aos desencarnados, porque a Psicometria está relacionada a objetos e a determinados lugares, enquanto que, na Vidência, os desencarnados podem ser percebidos em qualquer lugar, embora saibamos que eles têm preferência por certos lugares ou cômodos da casa. Por isso, o Plano Espiritual tem insistido para que os espíritas estudem, principalmente os dirigentes, a fim de não se deixarem enganar nesses casos.

– Podemos considerar o psicômetra como se fosse médium? – indago.

Carlos responde.

– Médiun é aquele que entra em intercâmbio com desencarnados. Psicômetra é o sensitivo que lê o astral ou a aura dos objetos, lugares, etc., sem a interferência dos desencarnados. Pela sua sensibilidade, o psicômetra vê, através de vibrações, o que ficou registrado na aura pesquisada, tendo conhecimento do que faz, ou nem sequer sabendo o que seja.

– Carlos, poderão as emanções magnéticas e as irradiações contidas em objetos irradiar-se e atingir outras pessoas? – indago.

– Sim, podem. O pensamento humano, ao agir sobre a natureza material, adere de modo mais ou menos prolongado nas coisas e objetos, que nos servem habitualmente. Por isso há muitas pessoas que se sentem inquietas e angustiadas ao visitarem determinados lugares, a exemplo de prisões, prostíbulos, etc. Ou, então, experimentam bem-estar onde só houve, ou ainda há, acontecimentos dirigidos para o Bem, como em certos templos, etc. Assim acontece, ao sentirem-se mal em contato com determinados objetos usados em torturas ou que serviram para assassinar alguém. Também recebem benefícios, sentindo-se bem ao contemplar ou pegar objetos que pertenceram a pessoas boas, como um livro, etc.

– Há muitas histórias principalmente de joias antigas, tachadas de azaradas, de mau agouro, ou então de talismãs de sorte. Isso aconteceria pelas emanções magnéticas nelas contidas? – indaga inteligentemente Toninha.

– Joias – responde Carlos – são, na maioria das vezes, objetos de estima ou ódio, de cobiça e disputa. Constituem algo em que se projeta mais a atenção. Por isso, são facilmente psicometradas e com histórias interessantes. Podem realmente influir benéfica ou negativamente, conforme o caso, em pessoas sensíveis que as adquirirem e usarem.

Satisfeitos com os conhecimentos que necessitávamos, encerramos os trabalhos com a Psicometria, para anotarmos um fato deveras interessante.

Devassando o Invisível

Yvonne A.

Pereira “...da mesma forma por que os físicos e astrônomos são levados a admitir que as

vibrações luminosas percorrem o espaço infinito sem jamais se extinguirem, assim também se poderia admitir a persistência virtual de toda a forma de vibrações cósmicas.

E como, além de tudo, os estados da matéria e as vicissitudes dos organismos vivos se

resumem numa sucessão de vibrações sui generis do éter, conclui-se que eles devem continuar a existir no estado virtual ou potencial, em uma ambiência qualquer – a chamada por Myers metaetérica – de onde os sensitivos poderiam extraí-los e interpretá-los, graças à “relação” estabelecida entre eles e a ambiência receptora.” (Ernesto Bozzano – “Os Enigmas da Psicometria”, VI Caso, pág. 41.)

Nenhum espírita ignora que a Psicometria é a faculdade que o médium possui de descrever os acontecimentos em torno de uma criatura, particularidades, mesmo, de sua vida, desde que em contato direto com um objeto ou coisa pertencente à referida pessoa. Essa faculdade, estranha e bela, ainda pouco estudada, vai ao extremo de permitir ao médium sentir e descrever as impressões de pequenos animais, de vegetais e até da matéria inanimada.

Ernesto Bozzano, já por nós citado várias vezes, refere-se, em sua encantadora obra “Os Enigmas da Psicometria”, à médium inglesa Edith Hawthorne, que, em contato com uma pena arrancada a um pombo-correio, após longo voo, e um pequeno galho de árvore, descreveu as impressões do pequeno animal durante o mesmo voo, assim como acontecimentos desenrolados no próprio local em que se erguia o pombal, ao passo que igualmente descrevia, não somente o que se passaria com a árvore, isto é, o seu desenvolvimento, a florescência, a distribuição da seiva e a expansão das raízes, etc., mas também as impressões de vermes que viviam no subsolo, onde se erguia a árvore, prenunciando mesmo, com cinco horas de antecipação, o motivo da inquietação dos vermes, ou seja, o desabamento do subsolo onde se achavam, motivado pelas escavações de uma galeria de minério da região. Tudo rigorosamente estudado e comprovado pelos experimentadores, que residiam em Dudley, Inglaterra, onde a médium jamais fora, pois que residia em Londres.

Outra médium psicômetra, Elizabeth Denton, em contato com uma lasca de pedra recolhida de uma região de minério de chumbo (Wisconsin, E.E.U.U.), descreve a história da mesma pedra desde que foi arrojada das profundezas de um vulcão, durante uma erupção, relatando, tal se fosse a mesma pedra, os sucessos com esta ocorridos através dos séculos. Note-se que as médiuns ignoravam, às vezes, os objetos que lhes apresentavam para serem psicometrados, pois houve, em certas experiências, o cuidado de ocultá-los, envolvendo-os em algodão ou retendo-os em embrulhos ou caixas muito bem atadas. Analisada por vários pesquisadores, essa mediunidade foi constatada real, não obstante os mistérios que envolvem suas possibilidades.

Ora, sendo a mediunidade, em geral, ao que se observa, uma sensação ou uma

percepção, participante de determinadas funções da consciência; e sendo estas entendidas como potências da alma, que traduzem a sua individualidade, acreditamos que todas as criaturas sejam dotadas dessa faculdade, em grau maior ou menor, dependendo de um estado mais ou menos acentuado de desenvolvimento, ou experimentação. Todavia, parece-nos que, no estado de desencarnação ou de desprendimento espiritual, esse atributo da nossa individualidade anímica emerge espontaneamente, visto que, no que a nós próprios respeita, certos acontecimentos, desenrolados durante aquele segundo estado, parecem confirmar nossa impressão.

Durante o desprendimento parcial, sob ação dos nossos mentores espirituais, temos tido ocasião de “visitar” (não encontramos termos apropriados para esclarecer o que então se passa) animais como o boi, o cavalo, o cão e o gato. Verificamos que o fluido magnético, o elemento etéreo em que se acham eles mergulhados, como seres vivos que são, são os mesmos que penetram os homens, onde estes se agitam. Daí essa correspondência vibratória, que faz o ser espiritual do homem compreender o ser do animal, senti-lo, assim como aos demais reinos da Natureza . . . pois será bom não esquecer que somos essência de Deus e, como tal, possuiremos, todos, essa capacidade, para aplicação da qual apenas nos será necessário certo desenvolvimento vibratório, ou psíquico. Ora, aqueles animais, por nós sentidos e compreendidos no estado de semidesprendimento espiritual, se afiguraram ao nosso entendimento e à nossa razão quase como seres humanos, sentindo nós, por eles, viva ternura e até profunda compaixão. Um deles, o boi, chegou mesmo a ver o nosso fantasma, pois se assustou quando nos achegamos a ele e lhe acariciamos a enorme cabeça. Nossos mestres hindus, que têm predileção pelos estudos da Natureza e pelas pesquisas sobre a evolução da alma, levam-nos, às vezes, a visitar matadouros de gado. E o sofrimento que aí contemplamos envolvendo os pobres animais, as impressões dolorosas de surpresa, de terror e de angústia que eles sofrem, e que se infiltram pelos meandros da nossa própria alma, não seriam maiores nem mais penosas, talvez, se se tratasse de simples seres humanos. Quanto a outros animais, aos vegetais e à matéria inanimada, nada adiantaremos, uma vez que não temos lembrança de os ter “visitados”. Mas, a impressão que guardamos das quatro espécies citadas foi profunda e enternecedora, como de semelhantes nossos.

Desses exames, o menos agradável às nossas recordações foi o do gato, cujas vibrações traduziam, ao nosso entendimento psíquico, “sentimentos” bem mais inferiores do que os outros.

Parece que tais estudos, transcendentais e de pouca aceitação sobre a Terra, a par da Cosmologia e outros, empolgantes, profundos, como a Astronomia, a Arqueologia, etc.,

fazem parte da iniciação superior a que somos chamados, e que tanto serão permitidos ao Espírito desencarnado como ao encarnado, durante o sono, dependendo apenas da sua aplicação ao estudo e da vontade de progredir, daí advindo, então, as descobertas que, de quando em vez, surpreendem o nosso Globo.

Ressurreição e Vida

Yvonne A.

Pereira Mas, Serguei Sokolof, esse homem singular, cuja sensibilidade superior penetrava a alma

das coisas, levando-o a descobrir harmonias celestes no próprio ar que o cercava, no perfume da flora ou na cintilação das estrelas, e daí transportá-las em música para a sua flauta ou em versos para o seu estro; essa alma de poeta e filósofo, que se identificava com as vibrações das plantas (78) do seu jardim, ou com as dos trigais que cresciam sob seu olhar amorável; esse caráter elevado, cujo sentido íntimo, aguçado pelas longas meditações, dilatado pelo fervor das preces com que se dirigia a Deus e o desejo sincero do Bem, ia ao extremo de se entreter em colóquios frequentes com almas habitantes do Além, não poderia perceber que sua esposa, embora amando-o, entediava-se a seu lado, abrigando desejos imoderados, capazes de destroçar a felicidade que ele tão generosamente se esforçava por manter em torno de ambos?

Serguei sabia-o. E compreendendo-a portadora de caráter frágil e impressionável, predisposta a distúrbios patológicos, desejava a todo custo afastá-la de motivos que viessem a precipitá-la em quedas irreparáveis, ou seja, afastá-la dos bulícios e perigos dos meios sociais corrompidos, que ele bem conhecia, e para isso esforçava-se por elevá-la a um nível moral que lhe fornecesse base para o desfrute de uma serena e perene paz conjugal. E talvez o conseguisse, realmente, se um fato inesperado não adviesse, contrapondo-se aos seus benéficos propósitos. _____

(78) Médiun Psicométrico

Enigmas da Psicometria

Ernesto Bozzano

(Recomendamos a leitura de toda a obra)